



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO

***E AQUELA QUE COSTURA PRA FORA?!: PROPOSTA DE GLOSSÁRIO PARA A
TABUIZAÇÃO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PARA
PROSTITUTA, NO MARANHÃO***

PAULO GABRIEL CALVET RIBEIRO

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a MARIA DE FÁTIMA SOPAS ROCHA

SÃO LUÍS
2017

PAULO GABRIEL CALVET RIBEIRO

E AQUELA QUE COSTURA PRA FORA?!: PROPOSTA DE GLOSSÁRIO PARA A TABUIZAÇÃO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PARA PROSTITUTA, NO MARANHÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Maranhão, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Sopas Rocha.

SÃO LUÍS
2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Ribeiro, Paulo Gabriel Calvet.

E AQUELA QUE COSTURA PRA FORA?!: Proposta de Glossário para a tabuização e o processo de formação de palavras para prostituta, no Maranhão / Paulo Gabriel Calvet Ribeiro. - 2017.

90 f.

Orientador(a): Maria de Fátima Sopas Rocha. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

1. Formação de palavras. 2. Glossário. 3. Prostituta. 4. Tabu linguístico. I. Rocha, Maria de Fátima Sopas. II. Título.

***E AQUELA QUE COSTURA PRA FORA!?: PROPOSTA DE GLOSSÁRIO PARA A
TABUIZAÇÃO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PARA
PROSTITUTA, NO MARANHÃO***

DATA PARA DEFESA DA DISSERTAÇÃO: 06 DE ABRIL DE 2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a Maria de Fátima Sopas Rocha – UFMA
Orientadora

Prof^a. Dr^a Elizabete Aparecida Marques– UFMS
Examinador

Prof^a. Dr^a Conceição de Maria de Araujo Ramos – UFMA
Examinador

SÃO LUÍS
2017

“Palavras, palavras
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate”.

Carlos Drummond de Andrade

Aos meus amados avós: Pedro e Suely.

AGRADECIMENTOS

Nesta dissertação, não poderia deixar de agradecer, primeiramente, ao **Espírito Santo de Deus**, o verdadeiro condutor da minha vida e da minha história E aos melhores amigos espirituais do mundo: **Nossa Senhora e Santa Teresinha do Menino Jesus**. Minha vida é bem mais fácil por sempre contar com o auxílio de vocês!

Agradeço, ainda:

✚ **Aos meus familiares**. Tenho a sorte de viver em uma verdadeira “ilha familiar”, na qual me sinto cercado de amor por todos os lados! Agradeço, de forma especial:

- Aos meus avós, Pedro e Suely, meus suportes de toda a vida. Somos de gerações distintas, mas tenho avós modernos, que me apoiam em tudo o que eu faço e que nunca tentaram “cortar as minhas asas”, educando-me para o mundo. Se cheguei até aqui, é porque vocês sempre estiveram comigo!

- Aos meus pais, Ana Lourdes e Paulo Sérgio, por serem sempre tão amorosos, atenciosos e preocupados com o meu bem-estar;

- Aos meus irmãos, Tiago Leonardo e Paulo Filho – que é o melhor irmão do mundo: paciente, atencioso e carinhoso. Alguém que mexa comigo e ele vira uma fera!

- Ao novo membro da família, meu primo, Pedro Gabriel, que ainda nem completou dois anos, mas já nos trouxe tantos momentos de alegria.

✚ **Aos amigos**: os novos e os de sempre. Especialmente:

- Juliene e Amandinha – fiéis parceiras desde a época do Ensino Médio, que naquele momento, aturavam aquele Gabriel conversador, muito brincalhão e imitador de todos os professores. Ainda bem que, com o tempo, a gente amadureceu.

- They – parceira desde a época da graduação e que vai me matar de saudades por conta do Doutorado.

- Imaculada, que sempre me contagia com sua alegria e é aquela amiga que quero levar para o resto da vida. Obrigado por fazer a minha vida um pouquinho mais divertida.

- Débora Alves, a amiga que fez a minha estadia em Vitória do Mearim ser bem fácil, mais agradável e mais engraçada.

- A todos os amigos do ALiMA, de forma especial: Flavinha, Eric, Edson, Nádia, Layane e Mandy.

- Aos amigos do grupo da minha paróquia, do grupo Liturgia Jovem. Especialmente Valéria, que acompanhou cada passo para a escrita desta dissertação.

- Aos colegas do Mestrado, especialmente os colegas da linha um que, assim como eu, aceitaram o desafio de entrar em um novo barco a vela, partindo para “mares nunca d’antes navegados”.

 **Aos professores que contribuíram para a minha formação:**

- Minha orientadora: professora Maria de Fátima Sopas Rocha, que teve bastante paciência com um orientando, por vezes, desaparecido. Agradeço imensamente pelo apoio para a concretização deste trabalho;

- Ao professor Mendes e à professora Conceição Ramos, por me darem a oportunidade de fazer parte de um projeto tão sólido quanto o Projeto ALiMA. A professora Conceição representa um exemplo de profissional comprometida, responsável e, acima de tudo, humana! Muito obrigado por tudo!

- Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que lutam para a permanência do Mestrado Acadêmico, de forma especial à coordenadora, professora Veraluce da Silva Lima.

- À professora Gladis, da UFSCar, que contribuiu bastante, no exame de qualificação, para a melhor construção deste estudo;

- À professora Elizabete Marques, por ter aceitado contribuir para a melhoria desta pesquisa.

Para finalizar, agradeço a todos os colegas de trabalho e todos os alunos que eu já tive a oportunidade de conhecer durante os meus – ainda poucos – anos de docência. Com todos eles, eu pude aprender bastante.

E AQUELA QUE COSTURA PRA FORA?!: PROPOSTA DE GLOSSÁRIO PARA A TABUIZAÇÃO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PARA PROSTITUTA, NO MARANHÃO

Produção de glossário que apresenta as denominações para *prostituta* no estado do Maranhão, tendo como base a tabuização e levando em conta os processos de formação de palavras. Para a construção desse glossário, discute-se a proposta de tabus linguísticos defendida por Guérios (1956), Leach (1964), Grimes (1978) e Ulmann (1987), além de estudos previamente realizados no Maranhão e no Brasil sobre os tabus linguísticos presentes nas denominações para *prostituta*, como em Pereira (2010), Guedelha (2011) e Ribeiro (2012, 2013) – os resultados apresentados nos estudos de Ribeiro serão utilizados como base para a composição dos dados para este estudo. Considerando as estratégias de substituição de vocábulos tabus propostas por Guérios (1956) e Ulmann (1987), defende-se que os processos de formação de palavras também constituem um mecanismo de fuga relevante e produtivo, uma vez que os falantes, com a intenção de não pronunciar itens lexicais considerados inadequados, tendem a criar outros ou a ressignificá-los. Assim, não se pode deixar de mencionar as tipologias neológicas e os processos presentes nos estudos de Guilbert (1975), Alves (1994), Biderman (2001) e Correia e Almeida (2012), bem como os processos de formação de palavras focalizados em Basílio (1991), Sandmann (1997) e Nascimento (2013). Com o intuito de organizar os itens lexicais para *prostituta* no estado do Maranhão, considerando a relação existente entre os tabus e os processos de formação de palavras, é apresentado um glossário que foi elaborado seguindo as seguintes etapas: pesquisas bibliográficas, delimitação e seleção do corpus, preenchimento de fichas lexicográficas, análise dos dados e a redação dos 46 verbetes do glossário, que seguem a estrutura: **Item lexical + Classificação morfológica +/- Processo(s) de formação de palavras +/- Etimologia + Variante + Motivação +/- Remissiva.**

Palavras-chave: Tabu linguístico. Prostituta. Formação de palavras. Glossário.

ABSTRACT

Production of a glossary which presents the names for *prostitute* in the Brazilian State of Maranhão, considering the linguistic taboos and the word formation. For the construction of this glossary, it is discussed the proposal of linguistic taboos presented by Guérios (1956), Leach (1964), Grimes (1978) and Ullmann (1987). It is also considered some previous studies developed in Maranhão and Brazil about the linguistic taboos in the names used to *prostitute*, as Pereira (2010), Guedelha (2011) and Ribeiro (2012, 2013) – the results presented in Ribeiro's studies are used as basis to the composition of the data to this study. Considering the substitution strategies of the linguistic taboos presented in Guérios (1956) and Ullmann (1987), it is defended that the processes to formation of words are also a relevant and productive process, since the speakers, intending do not to pronounce the words related to taboos, tend to create or resignify them. So, it is impossible do not mention the neological typology and the processes presented by Guilbert (1975), Alves (1994), Biderman (2001) e Correia e Almeida (2012), as well the process focused by Basílio (1991), Sandmann (1997) and Nascimento (2013). Aiming to show a synthesis which organizes the words to *prostitute* in the Brazilian State of Maranhão, it is presented a glossary. For its elaboration, it was necessary: to develop bibliographic searches, delimitate the corpus, filling of lexicographic files, analysis of data and the writing of 46 entries, that follows the structure: **Word** + Morphological classification + Word formation +/- etymology + variant + **Motivation**+/- remissive.

Keywords: Linguistic taboo. Prostitute. Word formation. Glossary.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Representação da continuidade <i>in natura</i>	18
Imagem 2: Representação sistemática das coisas que são nomeadas.....	19
Imagem 3: Diagrama que apresenta <i>prostituta</i> como tabu.....	23

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: As tipologias neológicas	36
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

antr.– antropônimo

dimin. – diminutivo

it. – italiano

lat. – latim

lit. – literal(mente)

part. – participípio

s. – substantivo

s.f. – substantivo feminino

sint. nom. f.– sintagma nominal feminino

vulg. – vulgar

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1.TABUS LINGUÍSTICOS: INTERVENÇÕES DE NATUREZA SOCIAL.....	18
1.1. Noções gerais sobre tabu: considerações teóricas	18
1.1.1 Sobre a gênese do tabu	19
1.1.2 Sobre as propostas de classificação dos tabus linguísticos.....	20
1.1.3 Evidências da existência de tabu nas denominações para <i>prostituta</i>	22
1.2 A existência de tabu linguístico para prostituta: aspectos histórico-culturais	24
1.2.1 A prostituição como reflexo cultural.....	24
1.2.2 A prostituição no Brasil e no Maranhão	28
1.2.3 O tabu linguístico para prostituta e a história da sexualidade: considerações possíveis .	29
1.3 Estudos sobre o tabu linguístico para <i>prostituta</i> no Brasil e no Maranhão.....	31
2. A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE OS TABUS LINGUÍSTICOS E PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	33
2.1 Tabus linguísticos: estratégias de substituição, invenção e criação de palavras	33
2.1.1 Os mecanismos de substituição dos vocábulos tabus.....	33
2.1.2 Os processos de formação como estratégia	34
2.2 Processos de formação de palavras: ampliação lexical.....	35
2.2.1 Tipologias neológicas.....	36
2.2.2 Novidade formal: processos de formação por regras da própria língua.....	37
2.2.2.1 A derivação e a composição	37
2.2.2.2 Os processos deformacionais	38
2.2.2.3 A lexicalização	39
2.2.3 A extensão semântica: novos significados para palavras já existentes	40
2.2.4 A importação de palavras de outras línguas	40
2.3. Os processos de formação de palavras nas denominações para <i>prostituta</i> no Maranhão.....	41
2.3.1 Processos de formação: aspectos formais.....	42
2.3.1.1 Ocorrências de composição e lexicalização.....	42
2.3.1.2 Ocorrências de derivação	43
2.3.1.3 Ocorrências de amálgamas	44
2.3.1.4 Ocorrências de abreviação vocabular	45
2.3.2 Processos de formação: aspectos semânticos	46
2.3.3 Estrangeirismos, empréstimos	49
2.3.3.1 Ocorrência de estrangeirismo	49

2.3.3.1 Ocorrência de empréstimos	49
2.4 Manutenção de formas latinas	50
3. METODOLOGIA DA PESQUISA E DE ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO	52
3.1 Para a constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	52
3.1.1 Dados que decorrem dos estudos de Ribeiro (2012).....	52
3.1.2 Dados que decorrem dos estudos de Ribeiro (2013).....	53
3.2 Elaboração do glossário	53
3.2.1 Glossário: noções gerais	54
3.2.2 Quanto às entradas: a macroestrutura.....	55
3.2.3 Quanto às definições complementares: a microestrutura	55
3.2.4 As fichas lexicográficas.....	55
4. GLOSSÁRIO.....	58
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.....	76
REFERÊNCIAS.....	78
APÊNDICES	
ANEXOS	

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não é difícil encontrar pessoas que evitam pronunciar o item lexical *câncer*, por acreditar que só o fato de proferi-lo já seria capaz de trazê-lo para próximo de si. Ou, até mesmo, encontrar pessoas que não mencionam e nem gostam de ler os itens lexicais *satanás* e/ou *diabo*. Esses exemplos sinalizam a existência de tabus linguísticos que decorrem de causas sobrenaturais, de medo, e são tentativas de não atrair o que pode ser negativo ou perigoso.

Além de tabus de causas sobrenaturais, deve-se mencionar a existência de tabus de decência ou de decoro (cf. ULLMANN, 1987), que se relacionam de forma mais explícita com o social e trazem evidências de como as comunidades linguísticas concebem determinadas questões sociais. Por exemplo: quando se ouve ou se profere o item lexical *prostituta*, ou o eufemismo (cf. GUÉRIOS, 1956) *profissional do sexo*, logo se faz uma associação de ideias com as pessoas que têm como atividade de subsistência econômica “entregar-se à cópula sexual por dinheiro” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2316), o que leva, ainda, a se pensar em uma ocupação desvalorizada, marginalizada, que expõe suas trabalhadoras a danos em sua própria saúde, sem um futuro promissor e com pouca aceitação social. Essas formas de pensar a prostituição evidenciam a existência de um tabu social, com influência religiosa, que atinge essa profissão, materializando-se no nível linguístico.

É pela existência desse tabu, presente nas denominações para prostituta, e levando em consideração que, segundo Guérios (1956) e Viaro (2014), os tabus linguísticos abrem uma brecha para a criação lexical e são responsáveis pela criação ou ressurreição de muitas palavras, que se propõe este estudo que focaliza, de forma mais particular, o tabu linguístico presente no português falado no Maranhão, considerando a tabuização e levando em conta os processos de formação de palavras, com vistas a investigar a variação denominativa para *prostituta*, no Maranhão; fazer o levantamento de expressões, termos e suas variantes referentes a *prostituta*, tendo como base o *corpus* e as lexias constantes do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e dos estudos de Ribeiro (2012, 2013); elaborar um glossário; analisar, nos verbetes do glossário, os processos de formação de palavras, a classificação morfológica e as motivações presentes nas denominações para *prostituta* no Estado do Maranhão.

Assim, este estudo, baseado em dados geossociolinguísticos, propõe acrescentar informações no que se refere à descrição do português brasileiro, uma vez que se busca descrever os usos para *prostituta* no português falado no Maranhão, considerando o processo

de formação de palavras. Além disso, por serem abordados aspectos de um tabu que se apresenta linguística e socialmente, o trabalho também objetiva investigar a diversidade linguística, decorrente da variação dos usos.

Para a apresentação do raciocínio empreendido nesta dissertação de Mestrado, há a exposição de ideias em quatro capítulos, além desta parte introdutória. No primeiro, discute-se as noções gerais sobre o tabu linguístico, a presença do tabu linguístico nas denominações para *prostituta*, as razões históricas para a existência desse tabu e estudos que já foram desenvolvidos quanto aos tabus linguísticos e aos processos de formação de palavras. No capítulo seguinte, apresenta-se a relação existente entre os tabus linguísticos e os processos de formação de palavras. Primeiramente, demonstra-se como os processos de formação de palavras constituem mecanismo de fuga relevante para a substituição de vocábulos tabus. Em seguida, faz-se um levantamento das tipologias neológicas e dos processos de formação, com características formais e semânticas, que existem na língua portuguesa, com vistas a comprovar, de forma quantitativa, que muitos desses processos estão presentes nas denominações para *prostituta* utilizadas no estado do Maranhão.

No terceiro capítulo, apresenta-se o trajeto seguido para este estudo: a metodologia da pesquisa e de elaboração do glossário e, no quarto, discute-se o resultado das propostas e teorias explanadas nos capítulos anteriores: o glossário, constituído por 46 entradas.

1 TABUS LINGUÍSTICOS: INTERVENÇÕES DE NATUREZA SOCIAL

1.1 Noções gerais sobre tabu: considerações teóricas

Nas diversas comunidades e culturas, é possível observar a existência de tabus, que podem ser manifestados de formas diversas como, por exemplo, restrições a alimentos, locais ou objetos. Em consonância com essa perspectiva de tabu, pode-se citar Guérios (1956, p. 7) que defende que o tabu

Vem a ser abstração ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo. Assim, existem objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas de que se não deve avizinhar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu que não devem ser proferidas.

Em linhas gerais, os estudiosos da área dos tabus parecem estar em consenso quando consideram que o vocábulo *tabu* “é uma palavra da Polinésia que o Capitão Cook introduziu no inglês e que daí passou para outras línguas européias” (ULLMANN, 1987, p. 425), bem como concordam quanto à definição de tabus, concebendo-os como “(...) proibições que são implícitas e que são sustentadas por sentimentos de pecado e sanções sobrenaturais¹” (LEACH², 1964, p.44).

Desse modo, admite-se, considerando a relação existente entre léxico, sociedade e cultura, que o tabu é resultado de convenções que apresentam “importância vital para o linguista, porque [o tabu] impõe uma proibição não só sobre certas pessoas, animais e coisas, mas também sobre os seus nomes” (ULLMANN, 1987, p, 426), o que leva a concluir que os tabus sociais geram tabus linguísticos. Uma vez que as mudanças na língua também decorrem de reflexos de natureza social, o “vocábulo que passa a ser considerado tabu está apenas refletindo o sistema de crenças e valores da sociedade” (MONTEIRO, 2002, p. 7), bem como resulta, de acordo com Freud (*apud* GUÉRIOS, 1956) de recalques de tendências, desejos e instintos naturais de uma coletividade – fatores que promovem a ampliação ou limitação da linguagem. Assim, concorda-se com Preti (1984, p. 60-61), quando afirma que

¹ “(...) prohibitions which are explicit and which are supported by feelings of sin and supernatural sanction”.

² Todas as traduções apresentadas nesta pesquisa foram todas realizadas pelo autor deste estudo.

[...] a perspectiva moral, por exemplo, as frágeis linhas que marcam os limites dos “bons costumes”, cujos conceitos continuamente se renovam dentro de uma comunidade, são transpostas para o campo do léxico (...). A vida das palavras torna-se reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proibem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de “bons” ou “maus” termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos. E tabus linguísticos aparecem em decorrência de tabus morais.

Considerando a existência de tabus linguísticos que, como bem afirma Preti, decorrem de tabus sociais, torna-se relevante refletir sobre a gênese dos tabus linguísticos.

1.1.1 Sobre a gênese do tabu

Deve-se mencionar, logo de início, que a discussão sobre a gênese do tabu é exercício complexo, uma vez que Guérios (1956) defende que os tabus são de origem desconhecida. Por outro lado, Edmund Leach (1964), em seu artigo “Anthropological aspects of language: animal categories and verbal abuse” propõe a teoria denominada “Leach theory³”, na qual aparecem reflexões sobre a gênese dos tabus linguísticos.

De acordo com Leach⁴ (1964, p. 47), o desenvolvimento físico e social de uma criança é percebido, em um primeiro momento, como desenvolvimento contínuo, que pode ser verificado na Imagem 1, quando não há separação intrínseca das “coisas”, de modo que não há espaços no mundo físico e, conseqüentemente, não há distinção entre as categorias dos itens lexicais.

Imagem 1: A linha é uma representação esquemática da continuidade *in natura*. Não há espaços no mundo físico.

Assim, “a criança, nesse estágio, é ensinada a impor sobre esse ambiente um quadro de discriminação que serve para distinguir o mundo como um largo número de coisas

³ Em português, pode-se chamar de Teoria de Leach.

⁴ Na versão original, lê-se: “I postulate that the physical and social environment of a young child is perceived as a continuum. It does not contain any intrinsically separate ‘things’”.

separadas, cada uma etiquetada com um nome⁵” (LEACH, 1964, p. 47), apresentado em forma de esquema na Imagem 2.



Imagem 2: Representação esquemática das coisas que são nomeadas. Muitos aspectos do mundo físico.

Nesse segundo estágio, a criança percebe que as “coisas” são distinguidas por nomes, quando há um uso simultâneo de língua e tabu; quando a “Língua nos dá os nomes para distinguir as coisas; [o] tabu inibe o reconhecimento daquelas partes do continuum que separam as coisas” (LEACH, 1964, p. 47). Em outras palavras, afirma-se que a língua está à disposição dos falantes, mas os tabus acabam por interditar certos usos linguísticos. Essas interdições são aprendidas no convívio social e afetarão os usos linguísticos dos falantes para o resto da vida, não deixando de mencionar e não perdendo de vista que (*cf.* GUÉRIOS, 1956, p. 13)

(...) apesar de o tabu linguístico ser fenômeno universal e de todos os tempos, não é uniforme na intensidade e não é coincidente, isto é, uma palavra tabuizada num povo, numa comunidade, numa família, poderá não sê-lo em outro povo, comunidade ou família, e, por fim, pode ser temporário.

Retomando a proposta, ora apresentada por Guérios, os tabus linguísticos são universais, embora as palavras tabuizadas não sejam uniformes e coincidentes nas diversas comunidades linguísticas. Mesmo assim, é possível apresentar propostas gerais sobre as classificações dos tabus linguísticos.

1.1.2 Sobre as propostas de classificação dos tabus linguísticos

⁵ “The child, in due course, is taught to impose upon this environment a kind of discrimination grid which serves to distinguish the world as being composed of a large number of separate things, each labeled with a name”.

Para Guérios (1956, p. 12), há dois tipos de tabus linguísticos: os próprios e os impróprios:

Propriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça. Impropriamente, o tabu linguístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira.

Esse autor focaliza, de forma mais detalhada, os tabus próprios, apresentando 11 classificações para esse tipo de tabus linguísticos:

- 1.º) tabus em nomes das pessoas;
- 2.º) tabus em nomes de parentes;
- 3.º) tabus em nomes de autoridades;
- 4.º) tabus em nomes religiosos;
- 5.º) tabus em nomes dos mortos;
- 6.º) tabus em nomes de animais;
- 7.º) tabus em nomes de membros do corpo humano;
- 8.º) tabus em nomes de lugares e circunstâncias;
- 9.º) tabus em nomes de doenças e defeitos físicos;
- 10.º) tabus em nomes de alimentos;
- 11.º) tabus em nomes vários;

Outra proposta de classificação dos tabus linguísticos pode ser encontrada em Grimes (1978, p. 11), que defende a existência de dois tipos de tabus linguísticos: os tabus linguísticos transparentes e os tabus linguísticos por excelência. De acordo com esse autor, os tabus podem ser denominados *transparentes*, no sentido de que a sua motivação pelo medo resulta de consequências sociais imediatas, sendo, portanto, proibições de natureza social. Para explicitar o conceito desse tipo de tabu, o autor cita que as ocupações, as idades, a embriaguez, os atos criminais, a condição econômica, a polícia e os fenômenos políticos são afetados por esse tipo de tabu. Por outro lado, os tabus por excelência são

(...) interdições tradicionais que resultam do temor ancestral e que carecem de todo fundamento lógico imediato. Esses abarcam as expressões referentes às enfermidades, a morte, os defeitos físicos e mentais, os animais, os fenômenos sobrenaturais, o corpo e algumas de suas funções e produtos e os atos sexuais⁶ (GRIMES, 1978, p. 11).

Já Ullmann (1987, p.427), defende que “Os tabus da linguagem dividem-se em três grupos mais ou menos distintos, de acordo com a motivação psicológica que está por trás delas: uns são devido ao medo, outros a um sentimento de delicadeza, outros ainda a um sentimento de decência e de decoro”. Assim, os tabus de medo se relacionam com o sobrenatural, os de delicadeza refletem a tentativa de os falantes evitarem proferir assuntos grosseiros e/ou indelicados. Já os tabus de decência retratam, de forma mais direta, “o sexo, certas partes e funções do corpo, e os juramentos” (ULLMANN, 1987, p.432).

Considerando as propostas de classificação dos autores já apresentados nesta seção – que trata da classificação dos tabus linguísticos –, é possível citar a existência de tabu linguístico nas denominações para *prostituta*, concebendo-o como uma manifestação de um tabu linguístico impróprio – por não ser considerado um tabu com influência do sobrenatural –, ao mesmo tempo em que se apresenta como um tabu de decência – retomando a proposta de Ullmann, por ser um tabu relacionado a uma profissão que está diretamente relacionada ao sexo e, frequentemente, vista como uma ocupação desvalorizada e pecaminosa, sofrendo, portanto, influência de caráter religioso.

Além disso, admitindo que há tabu linguístico nas denominações para *prostituta*, torna-se adequado expor algumas evidências que, de certa forma, comprovam a presença de tabu nessas denominações.

1.1.3 Evidências sobre a existência de tabu nas denominações para *prostituta*

Leach (1964) elabora um diagrama que sintetiza o que é o tabu linguístico. Assim, exemplifica que o tabu é formado, de fato, por dois lados de uma mesma moeda, pois não se

⁶ (...) interdicciones tradicionales que resultan del temor ancestral y que carecen de todo fundamento lógico inmediato. Estos abarcan las expresiones referentes a las enfermedades, la muerte, los defectos físicos y mentales, los animales, los fenómenos sobrenaturales, el cuerpo y algunas de sus funciones y productos y los actos sexuales.

pode ter um sem o outro. Para tanto, cita a antítese binária que existe entre *vida e morte*. Vida e morte são conceitos distintos que levam à existência de um tabu, que está inserido entre essa antítese binária: o outro mundo, a vida eterna. Enquanto que vida e morte são ideias distintas, sobre o *outro mundo* se fala em vida imortal, de homens que já encontraram a morte, mas que permanecem com vida, uma vida eterna.

Para tornar a sua proposta ainda mais clara, o autor utiliza uma explicação, na qual lança mão de um diagrama, composto pelas letras A, B e C. Assim, “se A e B são duas categorias verbais⁷, de tal modo que B é definido como ‘o que A não é’ e vice-versa, e há uma terceira categoria C que media essa distinção, na qual C divide atributos de A e B, então C será um tabu⁸” (LEACH, 1964, p. 50 – 51).

É possível utilizar essa proposta de Leach para comprovar a existência de um tabu nas denominações para *prostituta*. Em forma de diagrama, pode-se compreender que a presença desse tabu está inserida entre duas realidades: a vida sexual de uma mulher casada e a vida sexual de uma mulher solteira – as igrejas cristãs, de forma geral, defendem que as relações sexuais só podem ocorrer depois do casamento. Muito embora essa proposta não seja seguida ao pé da letra, a sociedade aceita que as mulheres solteiras mantenham relações sexuais, desde que apresentem um parceiro fixo, geralmente namorados ou noivos.

Do “outro lado da moeda”, estão as mulheres casadas que, a partir da instituição do matrimônio, podem manter relações sexuais com o cônjuge, com vistas à perpetuação da família, em seu modelo tradicional. Considerando a vida sexual das mulheres solteiras e das mulheres casadas, pode-se compreender que o ofício da prostituição se encontra entremeado pela antítese binária entre a vida sexual da mulher solteira *versus* vida sexual da mulher casada – as prostitutas são mulheres solteiras⁹, que, apesar disso mantêm relações sexuais, com o objetivo de receber remuneração para mantê-las.

⁷ Considerando que o autor utiliza *vida e morte* para exemplificar a sua teoria, categorias verbais, neste contexto, podem ser compreendidas como itens lexicais em geral, não apenas verbos.

⁸ “ If A and B are two verbal categories, such that B is defined as ‘what A is not’ and vice versa, and there is a third category C which mediates this distinction, in that C shares attributes of both A and B, then C will be a taboo”.

⁹ Neste fragmento, não se afirma que não é possível que haja prostitutas que trabalhem mesmo sendo casadas. Considerando a proposta mais tradicional de casamento, apenas é pretendido evidenciar a existência de, tomando como base a proposta de Leach (1964), uma antítese binária entre a vida sexual das mulheres solteiras e a das mulheres casadas.

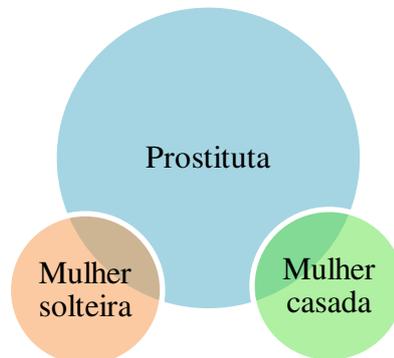


Imagem 3:-Diagrama que apresenta *prostituta* como tabu.

Outra evidência, que corrobora a proposta de que há tabu linguístico nas denominações para *prostituta*, fundamenta-se em Castro (*apud* GUÉRIOS, 1956, p. 10). Esse autor, ao apresentar as características dos tabus, defende que eles podem ser anulados “por meio de um cerimonial adequado”. Mais uma vez, retomando a antítese binária entre a vida sexual da mulher solteira *versus* a vida sexual da mulher casada, acredita-se que há “quebra” de tabu quando a prostituta sai da vida de trabalho e assume a vida matrimonial – há relatos de prostitutas que casam com clientes e, a partir do matrimônio, passam a vivenciar uma nova etapa de vida, como companheiras que apresentam um único parceiro, fixo, para a sociedade.

Apresentadas as duas evidências – com base nas propostas de Castro (*apud* GUÉRIOS, 1956) e Leach (1964) – para existência de tabu linguístico nas denominações para *prostituta*, passa-se a apresentar, neste estudo, alguns aspectos histórico-culturais da prostituição, bem como a elencar possíveis razões para a existência do tabu que permeia essa ocupação.

1.2 A existência do tabu linguístico para prostituta: aspectos histórico-culturais

1.2.1 A prostituição como reflexo cultural

Para compreender a existência do tabu linguístico nas denominações para *prostituta*, faz-se necessário considerar os diversos momentos da prostituição – como começou e qual é a sua situação, atualmente, no Brasil e no estado do Maranhão. Para tanto, considera-se o estudo de Roberts (1992), que relata os diversos momentos e as diversas concepções – que variam de acordo com o momento histórico – para essa ocupação.

Analisando os diversos momentos dessa ocupação, considerada por muitos como a “mais antiga do mundo”, é possível compreender que nem sempre o ato de prostituir-se apresentou caráter negativo, embora apresentando sempre diversas denominações para *prostituta*, em decorrência de fatores de natureza social. Nos primeiros relatos, a prostituição está relacionada à religião, sendo, assim, concebida como algo sagrado.

No período pré-histórico, as mulheres eram vistas como o núcleo da vida social. Coletavam grande parte do alimento da comunidade e, mais que isso, eram “[...] capazes de produzir crianças com seus próprios corpos: um ato de pura mágica aos olhos dos homens” (ROBERTS, 1992, p. 20), o que as tornava verdadeiras Deusas – fato que pode ser facilmente evidenciado em esculturas e estátuas desse período, em que dificilmente aparecem representações de formas masculinas.

Uma vez que as mulheres representavam a manifestação de uma divindade na terra, “Desde as culturas gravettianas e aurignacianas¹⁰ do Período Paleolítico ou da Pedra Lascada” (ROBERTS, 1992, p. 20), fez-se necessário a existência de um elo entre a divindade e a comunidade: as sacerdotisas xamânicas. Essas, em seus rituais, nos quais havia a participação de toda a comunidade, realizavam danças e sexo grupal. Já em torno de 10.000 a.C., a religião das deusas se propagou nas primeiras “cidades”, nas quais os templos representavam o núcleo organizador, cabendo às sacerdotisas a posse e a administração das terras, devendo sempre governar em prol da comunidade.

Os ritos sexuais persistiam e todos podiam ter acesso ao poder da Deusa. Anos depois, por volta de 3000 a.C., os territórios matriarcais passaram a ser invadidos por povos com uma cultura predominantemente patriarcal, o que levou a novas concepções do papel da mulher, que passou a ser considerada apenas como uma perpetuadora da espécie. Foram introduzidos deuses, e o cargo de administração pública passou a ser exercido por homens. É justamente nesse momento, no segundo milênio a.C., que a prostituição sagrada tornou-se explícita e apareceu, pela primeira vez, em relatos na escrita: “[...] É aqui que começa a verdadeira história da prostituição: com as sacerdotisas do templo, que eram ao mesmo tempo

¹⁰ Aurignaciana e gravettiana são épocas do paleolítico superior, segundo HOUAISS e VILLAR (2011, p. 346).

mulheres sagradas e prostitutas, as primeiras prostitutas da história” (ROBERTS, 1992, p. 23).

A prostituição, concebida como sagrada, permaneceu por anos, até chegar ao período dos “(...) antigos babilônicos (cerca de 2400 a.C.)” (ROBERTS, 1992, p. 27), quando as mulheres que exerciam essa ocupação eram denominadas: *entu*, *naditu*, *qadishtu*, *isharitu* e as *harimtu*. As duas primeiras representavam a posição mais elevada, estando, portanto, acima das *qadishtu*. Já as *isharitu*, trabalhavam em prol da deusa Ishtar. As *harimtu* representavam uma espécie de prostitutas semisseculares, trabalhando dentro e fora do templo.

A prostituição dentro dos templos representava o centro do ritual religioso, e o *status* da prostituta era elevado e apresentava caráter civilizador – o sexo, com a representação divina na terra, possibilitava aos fiéis/clientes se tornarem seres melhores. Mas, logo, o *status* da prostituta-sacerdotisa apresentou desgaste: em torno de 2000 a.C., na antiga Suméria, aparece o primeiro relato de leis que dividem as mulheres em dois grandes grupos distintos: esposas e prostitutas. Esse desmembramento se intensificou no período da Antiguidade Clássica, na Grécia.

Na antiga Grécia, toda mulher que não exercia a profissão de “rainha do lar” era considerada prostituta, pois o conhecimento de mundo só estava permitido aos homens. Encontra-se, na Grécia: *hieroduli* (prostitutas do templo), *hetaire* (cortesãs de classe alta), *auletriades* (dançarinas-prostitutas) e *deiketriades* (escravas sexuais). Aparecem, nesse período, as Zonas de Meretrício e já há bordeis oficiais (controlados pelo estado). Ainda no período da Antiguidade Clássica, no Império Romano, a prostituição era vista como algo natural, espontâneo e já completamente dissociado da religião:

Usada de forma profana e sacra, a palavra “prostituta” ganharia então face múltipla no latim, aplicada não só às meretrizes da esquina.

“*Prostituere*” tem o sentido restrito de “expor à venda”, mas também o amplo de “colocar diante, expor”. Nas ruas, no templo, ao relento.

Em Roma, a cortesã é profissional regulamentada. Como tal, submetida ao registro público nos fóruns, sujeita a impostos e controle sanitário. (PEREIRA JÚNIOR, 2002, p. 19).

Embora o Império Romano apresentasse regulamentação para as prostitutas, grande parte não apresentava registro, o que levou a duas denominações distintas para as prostitutas daquela época: as *meretrice* (item lexical que apresenta a mesma base latina para a atual denominação meretriz, corriqueiramente utilizada) e as *prostibulae*, grupo que não apresentava registro formal (esse item lexical remete a prostíbulo e, conseqüentemente, a *prostituta*). Entre o grupo das *prostibulae*, aparecem ainda outras denominações, como:

dorides, as que trabalhavam em casa; *lupae*, as que, para atrair clientes, imitavam uivos de lobos; *aelicariae*, as que vendiam pequenos bolos em formato de genitálias (tanto masculinas quanto femininas); *bustuariae*, as que trabalhavam em cemitérios e alternavam entre a prostituição e o ofício de carpideiras de funeral; *scorta errática*, que eram as prostitutas de rua; *copae*, as que trabalhavam em tavernas; *gallinae*¹¹, as que associavam a prostituição a roubos; *forariae*, moças do campo, que trabalhavam nas estradas; *diabolaes*, as que cobravam apenas dois óbolos¹² por seus serviços; *quadrantariae*, as mais desvalorizadas e que, por isso, cobravam valor inferior quando comparadas aos outros tipos de prostitutas da época.

No período da Idade Média Ocidental, é possível evidenciar, de maneira mais efetiva, a marginalização das profissionais do sexo. Na conhecida Idade das Trevas, em razão do fortalecimento do poder da Igreja Católica, a prostituição passou a ser concebida como algo que deveria ser banido e as prostitutas passaram a representar uma espécie de “dreno”, que sugaria a energia vital que permite o contato direto com Deus. Nesse mesmo período, além da ideia de conversão das prostitutas, a todo custo, apareceram as primeiras leis e as punições que dificultaram ainda mais o seu trabalho. No período seguinte, com os ideais apregoados pela Reforma Protestante, a ideia de banimento da prostituição passa a apresentar suporte no ideal de matrimônio.

Em decorrência dessas novas ideias, encontram-se, no início da Idade Moderna, marcas do aumento da estigmatização para prazeres oriundos fora da instituição matrimonial:

[...] as doenças venéreas e o rigor moral do cristianismo pós-Reforma teriam levado ao fim da relativa “tolerância” legal usufruída pela prostituição. A palavra, então, começou a fechar-se em seu sentido estrito e marginal, da mulher que se vende para qualquer um, ao menor preço. (PEREIRA JÚNIOR, 2002, p. 19).

Aparecem, nesse período, nas cidades italianas, as seguintes denominações para as prostitutas: *corteggiana*, cortesãs de alta classe, *puttana*, prostitutas de rua – destaca-se que *puttana*¹³ se relaciona diretamente com o item lexical *puta*, bastante utilizado no português brasileiro. Havia, ainda, as *andorinhas*, prostitutas que exerciam o seu trabalho nos interiores das igrejas.

¹¹ Importante destacar que, no Império Romano, já se utilizava a denominação *galinha*, atualmente utilizada para aludir às prostitutas, muito embora com motivações diferentes, como será exposto no capítulo seguinte e no verbete *galinha* do capítulo 4 – Glossário.

¹² Óbolo era a unidade monetária utilizada na Roma Antiga.

¹³ *Puttana*, até os dias atuais, equivale *aputa* na língua italiana. Cf. Escola Portátil. Disponível em: <<http://www.escolaportatil.com/blog/italianoportatile/palavroes-em-italiano>> acesso em 10 de fev. 2017.

Após esta evolução histórica, é possível focar o Brasil em seu momento colonial, quando alguns indícios mostram a presença de prostituição na terra do Pau-Brasil.

1.2.2 A prostituição no Brasil e no Maranhão

Deve-se salientar que há poucos estudos no que concerne à prostituição no Brasil, mas pode-se citar Preti (1984, p. 39) que mostra, por meio de estudos em jornais do Rio de Janeiro nos princípios do século XX, que a então capital federal apresentava uma visão machista em relação às prostitutas, bem como lhes atribuía denominações de caráter depreciativo:

[...] Na escala das relações amorosas, a prostituição ocupa o lugar mais desprezível, porque é típico da atitude “machista” um julgamento excessivamente rigoroso para a “mais antiga das profissões”. O ambiente provinciano e falsamente moralista do Rio antigo deveria exacerbar esse sentimento de desdém que se observa nos 46 verbetes em que o tema aflora e onde se representa a mundana por uma série de metáforas extremamente depreciativas, como, por exemplo, *galinha, mulher de janela, janeleira, gado*.

Citam-se, ainda, os estudos de Rago (1992), nos quais há relatos de prostituição paulista entre o final do século XIX e a década de 30.

Dez anos mais tarde, a prostituição tornou-se uma constante em todo país e, na década de 40, a capital do Estado do Maranhão já apresentava uma ativa Zona de Baixo Meretrício¹⁴, hoje oficialmente desativada.

Atualmente, reconhece-se que existem avanços no que se refere à prostituição em termos de ocupação regulamentada.

A categoria foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (doravante chamada de CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego. Ocupação, de acordo com essa Classificação é “a agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas” (BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego, 2010, p. 7). Na última atualização da CBO, redigida, em sua primeira edição no ano de 2012, a prostituição aparece sob o código 5198, inserido no grande grupo cinco (Trabalhadores de serviços, vendedores de comércio em lojas e mercados), na categoria “Profissionais do Sexo”, descrita como a de

¹⁴Trecho localizado no Centro Histórico da capital do estado do Maranhão, formado por “quatro quarteirões e algumas vielas de inestimável valor arquitetônico e cultural que abrangiam as ruas da Estrela, Palma, 28, entre outras” (TEIXEIRA, 2002, p.9).

profissionais que “Buscam programas sexuais, atendem e acompanham clientes” (BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego, 2010, p. 810).

Além disso, há projetos na Câmara e no Senado que preveem a prostituição como atividade profissional. Estão sendo empreendidas pesquisas acadêmicas que objetivam analisar a qualidade de vida dessas profissionais e o Ministério da Saúde promoveu campanhas, que divulgam estratégias de prevenção e aconselhamento direcionadas aos profissionais do sexo.

No Rio de Janeiro, em 2006, inspirada em grife famosa de roupas finas, foi criada a grife “Daspu”, organizada por profissionais do sexo, que vende diversas roupas e acessórios baseados no mundo da prostituição. Na capital do Estado do Maranhão, as prostitutas contam com a Associação das Profissionais do Sexo do Maranhão – APROSMA, criada no ano de 2003. Por outro lado, embora seja possível apresentar pequenos avanços conquistados pelas profissionais do sexo, ainda se reconhece a existência de um tabu social/religioso que atinge essa profissão, e que se materializa, no nível linguístico, por meio do uso de denominações variadas.

Assim, as ideias defendidas por Foucault (1977) permitem elencar possíveis razões para a existência desse tabu linguístico/social que permeia a prostituição, bem como as ideias religiosas – pautadas na Bíblia – que indicam razões para a existência desse tabu.

1.2.3 O tabu linguístico para *prostituta* e a *história da sexualidade*: considerações possíveis

Com base na leitura da obra *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, de Michel Foucault (1977), é possível elencar possíveis razões para a existência do tabu linguístico que permeiam os conceitos de prostituta e de prostituição. Importante mencionar que essa obra não está voltada para a história da prostituição em si, mas a proposta foucaultiana permite considerar a prostituição como parte integrante da sexualidade humana.

De acordo com o referido autor, houve, a partir do desenvolvimento das ideias capitalistas, intensificação de repressão no que concerne ao ato sexual. Isso porque, em uma sociedade em que a principal proposta está centrada no trabalho exploratório, considera-se desnecessário que o trabalhador utilize de maneira excessiva a sua energia, quando essa não está voltada para o trabalho, devendo ser seguida apenas a proposta “crescei e multiplicai-vos” (Gênesis, capítulo 1, versículo 28). Para Foucault (1977, p. 11):

[...] o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que explora sistematicamente a força do trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhes permitem reproduzir-se?

Dessa forma, compreende-se como a prostituição, ocupação exercida por meio de relações sexuais, representa um fator negativo para a instauração do modelo capitalista, que passou a utilizar, como artifício contra a sua manutenção, a interdição vocabular:

Denominar o sexo seria, a partir deste momento [século XVII], mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornem presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. (FOUCAULT, 1977, p. 21).

Desse mesmo artifício apropria-se a Igreja, que tem apresentado, “como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra” (FOUCAULT, 1977, P. 24). A instituição cristã defende usos e atitudes adequadas ou não, o que acaba por gerar tabus de natureza linguística. Além disso, o livro base para a vida cristã, a Bíblia Sagrada, ao descrever uma prostituta, mostra-nos que a prostituição não deve ser concebida como algo corriqueiro:

Não haverá prostituta sagrada entre as filhas de Israel; não haverá prostituto sagrado entre os filhos de Israel. Nunca levarás à casa do Senhor, teu Deus, para uma oferenda votiva, o ganho de uma prostituta ou um salário de um “cão”; tanto um como o outro são uma abominação para o Senhor, teu Deus. (Levítico, capítulo 23, versículo 18).

Há, ainda, a descrição de uma prostituta:

Agitada e sem compostura,
Seus pés não conseguem parar em casa.
Ora na praça, ora nas ruas,
Fica espreitando em todas as esquinas
(...)
Não se meta o seu coração pelas trilhas desta mulher,
Não te percas pelas suas veredas.
Pois são muitos os que, feridos, ela fez cair, / e fortes, todos o que ela matou
(Provérbios, capítulo 7, versículos 11-12; 25-26)

Esse fragmento, do livro dos Provérbios, defende que os homens não devem se envolver por prostitutas, mulheres sem parceiros fixos, pois elas são veredas para uma conduta inadequada. É possível interpretar que a prostituição representa um prazer estranho ao casamento, devendo, portanto, ser proibida.

Considerando os números relativos à orientação religiosa no nosso país, pode-se inferir como algumas das propostas apregoadas pela Igreja estão presentes na mentalidade de muitos cristãos. A maioria da população se denomina católica; a outra grande parcela se assume como evangélica (tanto católicos como evangélicos defendem a necessidade do matrimônio), muito embora tenha havido, nos últimos anos, o crescimento da religião espírita. Nesse sentido, acredita-se que grande parte da população, ao menos, conhece os valores defendidos pela igreja.

Alguns dos possíveis fatores para a existência de um tabu linguístico moral, com influência religiosa, em relação a *prostituta*, são a necessidade de manutenção do regime capitalista, a valorização das propostas de matrimônio e a utilização do controle da palavra que se refere ao sexo.

Uma vez que já foram abordadas as noções gerais sobre tabu, as propostas de classificação, a apresentação de evidências que ratificam a existência do tabu linguístico nas denominações para *prostituta*, bem como os aspectos histórico-culturais que marcam esse ofício e as possíveis razões para a existência desse tabu, apresenta-se alguns estudos anteriormente desenvolvidos, no Brasil, que abordam o léxico da prostituição.

1.3 Estudos sobre o tabu linguístico para *prostituta* no Brasil e no Maranhão

Reconhece-se a existência de estudos, anteriormente desenvolvidos, que abordam o léxico da prostituição, dentre os quais se pode citar as produções de Guedelha (2011) e Pereira (2011)¹⁵.

Guedelha (2011), em artigo intitulado “Tabus linguísticos como motivação na formação de palavras do PB¹⁶”, explica como os tabus linguísticos são responsáveis pela formação de palavras do português brasileiro. Esse autor considera a existência de tabus não só nas denominações para *prostituta*, mas nas denominações para *Deus*, *masturbação*, *diabo*, *sepultura*, *caixão*, *loucura*, dentre outros.

O estudo de Pereira (2011), intitulado “O LÉXICO DA PROSTITUIÇÃO NO ATLAS LINGUÍSTICO DO MARANHÃO: um estudo preliminar”, apresenta a variação lexical presente nas denominações para *prostituta*, com base em dados coletados nos inquéritos do banco de dados do Projeto ALiMA – Atlas Linguístico do Maranhão, de modo que o autor

¹⁵ Há, ainda, os estudos de Ribeiro (2012, 2013). Por esses estudos serem a base para esta dissertação, a síntese será apresentada no capítulo referente aos procedimentos metodológicos e de elaboração do glossário.

¹⁶ Português brasileiro.

apresenta uma fotografia das denominações, composta pela análise das designações mencionadas por 20 informantes, em cinco municípios (Pinheiro, Balsas, Brejo, Bacabal e Imperatriz). Ainda neste estudo, destaca-se a recorrência de denominações, como: *puta*, *mulher da vida*, *vagabunda* e *rapariga*.

Embora haja estudos já desenvolvidos que considerem os tabus linguísticos e os processos de formação de palavras, bem como um estudo preliminar sobre as designações para *prostituta* no português falado no Maranhão, ainda não há, até onde se sabe, além desta dissertação de Mestrado Acadêmico, uma proposta de estudo que una os estudos de Guedelha (2011) e Pereira (2011) – um estudo que relacione os tabus linguísticos presentes nas designações para *prostituta* e os processos de formação de palavras, bem como um glossário que sintetize essa relação.

2 A RELAÇÃO ENTRE OS TABUS LINGÜÍSTICOS E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

2.1 Tabus linguísticos: estratégias de substituição, invenção e criação de palavras

Uma vez que os falantes tendem a evitar expressões que são tabus, há a necessidade da utilização de estratégias para substituição dos itens tabuizados.

Dessa forma, Ulmann (1987, p. 434), defende que há “processos pelos quais se pode preencher uma brecha aberta pelo tabu”. Esses processos são discutidos em Guérios (1956) e Ulmann (1987), que abordam os mecanismos utilizados na substituição, para fuga dos vocábulos tabus.

2.1.1 Os mecanismos de substituição dos vocábulos tabus

Guérios (1956, p. 20) faz o seguinte questionamento: “Se é vedado pronunciar uma palavra, se esta é tabu, então qual é o recurso ou processo de que se lança mão para exteriorizar a idéia expressa por ela, uma vez que se faz mister exprimi-la?”

Para responder a esse questionamento, o autor menciona 14 possíveis estratégias de fuga:

- O vocábulo tabu é substituído por gesticulação;
- O vocábulo tabu substituído por um sinônimo, simples ou locucional;
- O vocábulo tabu é substituído por uma expressão genérica, com ou sem restrição;
- O vocábulo tabu é substituído por um estrangeirismo ou dialetismo;
- O vocábulo tabu é substituído por um hipocorístico ou por uma antífrase;
- O vocábulo tabu é substituído por um disfemismo, compreendendo disfemismo como “expressão agravante” (GUÉRIOS, 1956, p.24);
- O vocábulo tabu é substituído por um resultado de cruzamento entre aquele e outro vocábulo;
- O vocábulo tabu, membro de uma locução ou frase, é substituído pelo resultante dessa locução ou frase (elipse);
- O vocábulo tabu não é substituído, mas apresenta-se no diminutivo;
- O vocábulo tabu não é substituído, mas deformado foneticamente;
- O vocábulo tabu, membro de uma frase, não é substituído, mas obedece a uma sintaxe preconcebida;
- O vocábulo tabu não é substituído, mas apresenta-se no plural;

- O vocábulo tabu não é substituído, mas apresenta-se no gênero neutro;
- O vocábulo tabu não é substituído, mas pronunciado em voz baixa.

Além das estratégias apresentadas por Guérios, há também a proposta de Ullmann (1987), que defende a existência de apenas duas formas de mecanismo de fuga de expressões tabus: a modificação (de natureza fonética e fonológica) e a substituição (de natureza lexical ou semântica).

Em adição às propostas ora apresentadas, busca-se confirmar que os processos de formação de palavras também constituem mecanismo recorrente para a fuga de uso de expressões, no que concerne às denominações para *prostituta*, que são tabuizadas.

2.1.2 Os processos de formação de palavras como estratégia

Para iniciar a discussão a que este tópico se propõe, considera-se a assertiva de Viaro (2014, p. 293), que afirma que “o tabu é responsável pela invenção ou pela ressurreição de muitas palavras”. Nesse sentido, em adição às propostas clássicas, apresentadas no tópico anterior, considera-se que os processos de formação de palavras também representam uma estratégia para fuga de usos que são considerados tabus.

O estudo de Guérios (1956) está centrado nos tabus considerados próprios e o tabu para as denominações para *prostituta* é considerado tabu impróprio, uma vez que não aparecem, nessa tabuização, razões com influência do sobrenatural. Mesmo assim, o referencial defendido por esse autor permite a fundamentação teórica para o estudo aqui proposto, bem como muitas das estratégias apresentadas por Guérios (1956) – como, por exemplo, a de vocábulo tabu substituído por um resultado de cruzamento entre aquele e outro vocábulo, a substituição que ocorre por meio do estrangeirismo, o vocábulo apresentado no diminutivo – podem ser compreendidas como processos de formação de palavras disponíveis para os falantes.

O mesmo acontece com as estratégias defendidas por Ullmann (1987). Ao definir substituição de natureza lexical ou semântica, também é possível relacionar essas substituições com os processos de formação de palavras.

Dessa forma, afirma-se que os processos de formação de palavras, no que se refere ao tabu linguístico presente nas denominações para *prostituta*, compreendido neste estudo como tabu impróprio, de natureza social e de decência, com influência religiosa, constituem

estratégias relevantes de fuga das denominações consideradas tabus e que gera, por outro lado, ampliação no léxico.

2.2 Processos de formação de palavras: ampliação lexical

Durante as diversas situações comunicativas, não é difícil observar que palavras são criadas, por razões diversas, com grande frequência. Essas criações permitem compreender que, nas diversas comunidades linguísticas, há uma constante renovação do léxico, compreendendo léxico como o “(...) o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si” (VILELA, 1997, p. 31).

Assim, concorda-se com Biderman (2001, p. 203), que o considera como “(...) um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico”. Essa assertiva permite refletir que há razões para as criações linguísticas de palavras, que se relacionam com a proposta de Basílio (1991), que defende a existência de funções na formação de palavras.

De acordo com essa proposta, há, nos processos de formação de palavras, três funções distintas: a função de mudança categorial, que ocorre pelas necessidades do próprio sistema linguístico. Cita-se, como exemplo, “uma palavra de uma classe ou categoria gramatical, como “verbo”, e precisamos usá-la como “substantivo” (BASÍLIO, 1991, p.7). A razão para a utilização dessa função consiste no fato de que “seria muito difícil, para a nossa memória – além de pouco prático – captar e guardar formas diferentes para cada necessidade que nós temos de usar palavras em diferentes contextos e situações” (BASÍLIO, 1991, p. 10).

A mesma característica – de economia linguística – pode ser encontrada na segunda função, a função de acréscimo semântico, que é uma função que ocorre por influência do sujeito-falante, como nos usos dos “sufixos afetivos, enfáticos e intensificadores” (ROCHA, 2008, p.78). Por exemplo: se algum falante se refere ao próprio filho, chamando-o por *filhinho*, há uma intenção por trás desse vocativo, de caráter contextual, com presença de afetividade.

Já a função denominadora consiste na necessidade de “dar nome às coisas, às ações, aos lugares, etc.” (ROCHA, 2008, p.79). Assim, pode-se citar, como exemplo, alguns dispositivos eletrônicos contemporâneos e muitas de suas funções, que sempre recebem nomes, logo após a criação. Outro exemplo, que remonta à necessidade constante de nomear as coisas, pode ser evidenciado na alegoria bíblica que trata sobre Adão e Eva e a criação do mundo. Logo após ser criado, o homem deu nome a todos os animais que ali estavam: “Foi o homem quem deu nome a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todas as feras do

campo” (Gênesis, capítulo 2, versículo 20). Ou, até mesmo, é possível relembrar o momento em que o Brasil foi encontrado, quando os portugueses, ao avistarem a costa brasileira e julgando ter encontrado uma nova ilha, logo a denominaram “Ilha de Vera Cruz”.

Depois de terem sido apresentadas, de forma geral, algumas razões existentes para a criação de palavras e/ou para que os processos de formação de palavras ocorram, descreve-se algumas propostas de tipologias neológicas.

2.2.1 Tipologias neológicas

Quando se fala em processos de formação de palavras, também se fala em neologismo, uma vez que “O neologismo é uma criação vocabular nova, incorporada à língua” (BIDERMAN, 2001, p. 203). Assim, para que se apresente uma análise de dados coerente, torna-se relevante apresentar algumas propostas de classificação dos neologismos, que variam – em nomenclatura –, de acordo com cada autor. Dessa forma, considera-se a proposta de Guilbert (1975), Alves (1999), Biderman (2001) e Correia e Almeida (2012), apresentadas no Quadro 1.

Guilbert (1975)	Alves (1994)	Biderman (2001)	Correia e Almeida (2012)
✚ Neologia lexical;	✚ Neologismos fonológicos;	✚ Neologismo conceptual;	✚ Novidade formal;
✚ Neologia denominativa;	✚ Neologismos sintáticos;	✚ Neologismo formal.	✚ Novidade semântica;
✚ Neologismo fonológico;	✚ Neologismos semânticos;		
✚ Neologismo Semântico;	✚ Neologismos por empréstimo;		
✚ Neologismo por empréstimo.	✚ Outros processos.		
✚ Neologia sintagmática.			

Quadro 1 – as tipologias neológicas. Quadro elaborado pelo autor deste estudo.

Considerando as tipologias apresentadas no Quadro 1, observa-se que os critérios para essas classificações consideram, em linhas gerais, os aspectos lexicais, fonéticos,

sintáticos, semânticos etc. Considera-se adequada, no entanto, a proposta apresentada em Correia e Almeida (2012), por considerar que os processos de formação podem ser enquadrados apenas em dois grupos – por um lado, processos que ocorrem considerando o aspecto formal, quando “a sua forma significante é nova” (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 24) ou o aspecto semântico, que ocorre quando “uma palavra já existente adquire uma nova acepção”(CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 24).

Considerando que os processos de formação de palavras podem estar inseridos nesses dois grupos, apresenta-se a seguir, os processos de formação de palavras mais comuns na língua portuguesa¹⁷, considerando que, nesta língua, é comum a utilização de três mecanismos para criar novas palavras: i – recorrer às regras da própria língua; ii – atribuir novos significados a palavras já existentes e iii – importar palavras de outras línguas.

2.2.2 Novidade formal: processos de formação por regras da própria língua

2.2.2.1 A derivação e a composição

Muitos estudiosos da área da morfologia lexical, como Alves (1994), Sandmann (1997) e Correia e Almeida (2012) defendem que os processos de derivação e composição são os mais produtivos na língua portuguesa.

No processo de derivação,

incluem-se processos de natureza um pouco distinta. Por um lado, temos a derivação afixal (em que intervêm afixos derivacionais), que é a mais típica de todas, e, por outro, temos a chamada derivação não afixal, a conversão, em que não intervêm quaisquer afixos, ocorrendo apenas uma mudança categorial (e flexional e semântica) do radical que é alvo da derivação. (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 38).

Nesse sentido, os processos de derivação que ocorrem por meio de afixos podem ser classificados em prefixação – quando o prefixo vem à esquerda da base, como em *desaparecido*; sufixação – quando o sufixo vem à direita da base, como em *catolicismo* e a derivação parassintética, “designação da gramática tradicional para o processo que consiste na junção simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base” (CORREIA e ALMEIDA, 2012,

¹⁷Para este estudo, não são apresentados todos os processos de formação de palavras. Processos como criação de palavras *ex nihilo*, onomatopeias e recomposição não foram apresentados. A principal razão para essa exclusão consiste no fato de que esses processos são poucos produtivos na língua portuguesa e, além disso, não foram encontrados exemplos desses processos nos dados coletados para esta pesquisa.

p.50). As referidas autoras citam, como exemplo de derivação parassintética, o item lexical *anoitecer*.

Quanto aos processos não afixais, classifica-se a derivação imprópria – como em *laranja*, quando se refere à pessoa utilizada para assumir, tomar frente, em algum processo ilícito – e a derivação regressiva, como em *entrega*, que decorre de *entregar*.

No que se refere à derivação regressiva,

(...) teríamos um processo subtrativo, tira-se um sufixo e acrescenta-se uma vogal, à qual não se atribui nenhuma função morfológica ou lexical (...). Na chamada derivação imprópria, que preferimos chamar pelo nome mais neutro de “conversão”, não há acréscimo nem subtração, fato que deve ter levado ao uso do qualitativo “imprópria”. Não havendo nem adição nem subtração, uma palavra muda de classe gramatical sem alteração do seu corpo fônico. (SANDMANN, 1997, p.47).

Diferentemente dos processos de derivação afixais, em que há apenas uma base, tem-se, na composição (cf. SANDMANN, 1997) duas bases, por via de regra, de modo que, para Mattoso Câmara, citado por Mattos e Silva (2007, p. 584),

Pela composição dá-se uma associação significativa e formal entre duas palavras, e daí resulta uma nova, em que se combinam as significações das que as constituem (...) o tipo mais frouxo, do ponto de vista formal, na composição, é o uso estereotipado de dois nomes, em que cada um conserva a sua individualidade na sua flexão característica.

Além disso, os processos de composição, de acordo com Correia e Almeida (2012), podem ser classificados em dois grupos: a composição morfológica e a composição morfossintática. A composição morfológica “consiste na construção de palavras compostas a partir de unidades infralexicaais de unidade lexical, unidades não autônomas” (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 52). Como ocorre em, ainda de acordo com as autoras, *psic + -o- + -log(o) = psicólogo*.

Na composição morfossintática, “importa, no entanto, distinguir os compostos de estrutura N+N e V+N¹⁸” (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 54). Nos compostos formados por nome+nome, geralmente há compostos endocêntricos, “que se caracterizam pelo fato de o composto denominar um hipônimo do seu núcleo” (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 54), como ocorre em *couve-flor*, que é um tipo de couve¹⁹, no qual o nome da direita funciona como modificador do nome da esquerda. Em oposição aos compostos endocêntricos, há os compostos copulativos, que ocorrem nos compostos “que permitem denominar uma entidade

¹⁸ N+N = nome + nome, enquanto que N+V = nome + verbo.

¹⁹ Exemplo fornecido pelas autoras.

através da coordenação de duas de suas propriedades” (CORREIA e ALMEIDA, 2012, p. 55), como em *hotel-fazenda*. Já as composições de tipo verbo+nome “exibem aparentemente formas verbais flexionadas na sua estrutura: tira-teimas, lava-louça(s)” (CORREIA & ALMEIDA, 2012, p. 55).

Além dos processos mais clássicos – derivação e composição – também são apresentados os outros processos de formação de palavras que podem ser encontrados nas denominações para *prostituta*, no Maranhão.

2.2.2.2 Os processos deformacionais

Para Correia e Almeida (2012, p. 56), os processos deformacionais podem ser assim denominados por haver “deturpação da integridade morfológica dos radicais envolvidos na construção de seus produtos”. As autoras incluem, nesse grupo, as amálgamas, as trunçações e as siglas e acrônimos. Por outro lado, autores como Alves (1994) concebem dois dos processos deformacionais – retomando a nomenclatura empregada por Correia e Almeida (2013) – como “outros processos”, compostos por truncação e palavra-valise, defendendo que se constituem como processos menos produtivos na língua portuguesa. Para este estudo, considera-se a proposta de Correia e Almeida (2012).

Desse modo, compreende-se que a criação de amálgamas ocorre quando há formação de unidades lexicais formadas por partes de outras palavras, como ocorre em *portunhol*, formado por *português + espanhol*²⁰.

O processo denominado truncação ou abreviação vocabular ocorre quando há redução em uma unidade lexical, com vistas à facilitação de sua memorização e utilização, como ocorre no emprego de *foto*, em vez de *fotografia*. Já as siglas, são constituídas a partir das iniciais dos sintagmas. Esse processo ocorre, por exemplo, em *CEP*, iniciais que decorrem de *Código de Endereçamento Postal*²¹. Mas há formações que partem de iniciais ou grupos de letras, formando uma nova unidade lexical, pronunciada como unidade lexical vigente na própria língua, como ocorre em ALiMA – Atlas Linguístico do Maranhão. Exemplos como esse constituem um acrônimo.

2.2.2.3 A lexicalização

²⁰Cf. Correia e Almeida (2013, p. 57).

²¹Cf. Correia e Almeida (2013, p. 58).

Os processos de lexicalização podem ser compreendidos, em linhas gerais, como processos nos quais há mudanças nas estruturas morfológicas ou sintáticas, de modo que a definição de unidades lexicais ou discursivas não pode ser compreendida apenas pela estrutura aparente.

Nesse sentido, Sandmann (1997, p. 67), defende que a “(...) lexicalização ou idiomatização, no caso da palavra complexa, se entende pelo fato de a semântica não ser simplesmente a soma de partes”. Em outras palavras, (cf. NASCIMENTO, 2013, p. 221), pode-se afirmar que ocorre o processo de lexicalização quando “as palavras de um sintagma ou de uma frase, tipicamente, perdem a sua independência semântica, passando a formar um grupo mais ou menos “fixo”, ao qual estão associados contextos de usos e/ou significados específicos”.

Em consonância com as propostas acima apresentadas e com vistas à melhor delimitação para o conceito de lexicalização, menciona-se Correia e Almeida (2012, p.61). Para as autoras, o processo de lexicalização ocorre quando

(...) determinadas unidades construídas em outros componentes da gramática (sintático, morfológico, discursivo) se transformam em unidades lexicais [exemplos: os sintagmas, as unidades flexionadas (*olhar*) ou as unidades discursivas (*párranca*)], que se fixam na língua, passando a funcionar como unidades lexicais de pleno direito.

É possível, ainda, com base na proposta de Correia & Almeida, elencar estruturas sintagmáticas possíveis nos processos de lexicalização de sintagmas. Nas mais comumente utilizadas, observa-se a formação em:

- Nome + adjetivo, como em *queda-livre*;
- Adjetivo + nome, como em *embom-bocado*;
- Nome + sintagma preposicional, como em *sala de jantar*;
- Preposição + nome, como em *sem-terra*²².

Além dos processos de lexicalização, também é considerado, neste estudo, o processo inserido na categoria da novidade semântica.

2.2.3 A extensão semântica: novos significados para palavras já existentes

De acordo com Correia e Almeida (2012, p. 24), ocorre novidade semântica, em oposição à novidade formal, “quando o neologismo corresponde a uma nova associação

²² Todos os exemplos apresentados nesta seção são de Correia & Almeida (2013).

significado-significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova acepção”. Nesse sentido, Correia e Almeida (2012) consideram a proposta de extensão semântica. Para Guilbert (1975) e Alves (1999), o processo de extensão semântica é denominado neologismo semântico. Para este estudo, considerando que se adotou a tipologia presente em Correia e Almeida (2012), denominou-se *extensão semântica*.

A extensão semântica pode ocorrer por meio de vários processos estilísticos, como a metáfora, a metonímia e a sinédoque. Neste estudo, esses processos estilísticos, comumente utilizados, não serão analisados, o foco é apenas a classificação, de modo geral, em processo de extensão semântica.

Além da atribuição de novos significados a palavras já existentes, também ocorre, na língua portuguesa, a importação de palavras de outras línguas.

2.2.4 A importação de palavras de outras línguas

Quando se fala em importação de palavras, torna-se necessário diferenciar estrangeirismo e empréstimo. Correia e Almeida (2012, p. 71), buscando suporte na proposta apresentada nas gramáticas gerais portuguesas, defendem que o

“estrangeirismo” denota uma unidade importada de outra língua que não sofreu quaisquer adaptações à língua de chegada, ao passo que “empréstimo” denota uma palavra estrangeira que se adaptou ao sistema linguístico de acolhimento, ou seja, no nosso caso, foi aportuguesada.

Em consonância com a proposta ora apresentada, Alves (1994, p.79) apresenta a noção de *decalque*, que ocorre quando há empréstimo e há formação de palavras que consistem na “versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora”. O sintagma *alta tecnologia*, decalcado do inglês *high technology*, constitui um exemplo dessa espécie de adaptação.

Após apresentar os processos de formação de palavras mais produtivos na língua portuguesa, busca-se identificar esses processos, presentes nas denominações para *prostituta*, no estado do Maranhão.

2.3 Os processos de formação de palavras nas denominações para *prostituta* no Maranhão

Neste item, são classificados os processos de formação de palavras que estão presentes nas denominações de *prostituta* no Maranhão, de modo a apresentar uma amostragem quantitativa desses processos. A divisão nesses blocos não impede que haja itens lexicais que apareçam em mais de um bloco. Para essa exposição quantitativa, há a divisão em quatro grandes blocos.

No primeiro bloco, são apresentados os processos de formação que consideram os aspectos formais – composição e lexicalização, derivação, amálgamas e abreviação vocabular. Os itens lexicais classificados como formados por composição e lexicalização existem em decorrência da junção desses dois processos. Para os processos de derivação são apresentados, além dos itens lexicais, a base e os sufixos, enquanto que, nos processos de amálgamas, evidenciam-se as partes que as compõem.

No segundo bloco são apresentados os processos de formação que estão centrados nos aspectos semânticos, a extensão semântica, de modo que se apresenta, juntamente com os itens lexicais que são utilizados para nomear as prostitutas, as definições e a etimologia, considerando definições presentes em dicionários gerais da língua, dicionário regional, dicionário específico e vocabulários de estados do Nordeste brasileiro²³, com vistas a comprovar que as definições presentes nas obras lexicográficas consultadas nem sempre equivalem a prostituta, configurando processos de extensão semântica.

No terceiro bloco, são apresentadas as ocorrências de estrangeirismos e de empréstimos, enquanto que, no quarto e último bloco, apresenta-se um comentário sobre os itens lexicais que mantiveram a sua forma do latim, ou sofreram pequenas adaptações, até chegar à forma atual no português contemporâneo.

Nesse sentido, o quarto bloco não apresenta itens classificados como estrangeirismos, por se acreditar ser inadequado conceber palavras oriundas do latim como estrangeirismos, uma vez que a língua portuguesa advém do latim. No terceiro e quarto blocos, são apresentados, juntamente com os itens lexicais, a etimologia desses itens.

2.3.1 Processos de formação: aspectos formais

2.3.1.1 Ocorrências de composição e lexicalização

Composição + lexicalização : 18 ocorrências

²³No próximo capítulo, capítulo de número 3, intitulado Metodologia da pesquisa e de elaboração do glossário, são apresentadas todas essas obras, bem como são justificadas as razões de sua seleção.

- ✚ *“A fiel”*
- ✚ *Aquela que costura para fora*
- ✚ *“Fazponto”*
- ✚ *Garota de programa*
- ✚ *Maria vai-com-todos*
- ✚ *Mulher baixa.*
- ✚ *Mulher barata*
- ✚ *Mulher da vida*
- ✚ *Mulher da zona*
- ✚ *Mulher de programa*
- ✚ *Mulher de soldado*
- ✚ *Mulher de vida fácil*
- ✚ *Mulher do mundo*
- ✚ *Mulher fácil*
- ✚ *Mulher ocupada até às seis horas da manhã*
- ✚ *Mulher que vende carinho*
- ✚ *Profissional do sexo*
- ✚ *Sem vergonha*

2.3.1.2 Ocorrências de derivação

Derivação: 6 ocorrências

✚ *Corinho.*

Formação: co(u)ro + inho.

✚ *Piriguete .*

Formação: *pirigo (sic) + ete.*

Em Gonçalves (2005), citado por Carvalho (2015, p.934), “a origem do sufixo-*ete*, presente em *periguete*, provém da analogia aos termos *vedete* e *tiete*”.

De acordo com Cunha (2007, p. 336), o sufixo *-ete* é “deriv. do lat. *-ĭtta, -ĭttum*. Para Ferreira (1986, p. 732), às vezes o sufixo *-ete* “passa ao português através do francês”, como em *estilete*. Acredita-se que o processo de derivação para *piriguete*

aconteceu de forma secundária. Primeiramente, ocorreu formação por empréstimo, como será apresentado em seções seguintes.

 **Rameira.**

Formação: “*ramo + eira*” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2381).

 **Safada.**

Formação: “*part. de safar lit. gasto com o uso*”. (HOUAISS e VILLAR, 2011, p. 2494). Safa(r) + ada.

 **Solteira.**

Formação: solteiro + -a vogal temática tomada como desinência de feminino” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p.2604).

 **Vadia.**

Vadiar. Formação: “vadio + -ar” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2821). Vadia. Etimologia: “fem. de vadio”. (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2821). Assim, acredita-se que vadia é formada por vadio + -a, vogal temática formada como desinência de feminino.

2.3.1.3 Ocorrências de amálgamas

Amálgamas: 2 ocorrências

 **Motosserra.**

Formação: moto (r) + serra (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 1969).

 **Rapuenga.**

Formação: rapariga + puta + quenga.

2.3.1.4 Ocorrência de abreviação vocabular.

Abreviação vocabular: 1 ocorrência

✚ **“Prost”**, em vez de *prostituta*.

2.3.2 Processos de formação: aspectos semânticos

2.3.2.1 Ocorrências do processo de extensão semântica

Extensão semântica: 18 ocorrências

✚ **“A fiel”**.

Fiel. Etimologia: do latim *“fīdēlis”* (CUNHA, 2007, p. 356).

“A fiel” não está dicionarizada, mas considera-se a definição de fiel: “quem dá mostras de lealdade, que não contraria a confiança depositada” ou “que dedica lealdade absoluta a seu dono (diz-se de animal)” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1338). Também definido como “(...) que cumpre aquilo a que se designa” (FERREIRA, 1986, p. 775).

✚ ***Aquela que costura para fora***.

Costurar. Etimologia: “Do lat. vulg. **consūtūra*” (CUNHA, 2007, p. 222).

Costurar, em sentido figurado, (Cf. HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 855) significa “estabelecer, promover (alianças, acordos etc), a fim de se conseguir alguma coisa. Além disso, também aparece definida em Souto Maior (1988) e Girão (2007) como mulher adúltera, infiel ao marido.

✚ ***Bandida***

Bandido. Definição: “1 indivíduo que pratica atividades criminosas; assaltante, bandoleiro 2 pessoa sem caráter, de maus sentimentos” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p.395).

✚ ***Camélia***.

Etimologia: “do latim científico “*Camellia* (1735)” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 585). Definição: camélias são “plantas com flores vermelhas, brancas ou rosas, muito perfumadas (HOUAISS e VILLAR, 2001). A extensão semântica presente em *camélia* se relaciona com a associação entre o aroma forte das camélias e os perfumes excessivos utilizados pelas prostitutas.

Corinho.

Couro. Etimologia: “Do lat. *cōrĭum*” (CUNHA, 2007, p. 222). Definição: Couro é a pele de certos animais”, (HOUAISS e VILLAR, 2001).

Falsa.

Falso. Etimologia: “Do lat. *falsus*” (CUNHA, 2007, p. 348). Definição: *falso*, (HOUAISS e VILLAR, 2001) pode ser definido como algo “em que há mentira, fingimento, dolo”.

“Faz ponto”.

Ponto. Etimologia: “Do lat. *pŭnctum*” (CUNHA, 2007, p. 622).

Definição: entre diversas acepções, pode ser definido como “lugar fixo e determinado” (FERREIRA, 1986, p. 1362).

Fazer ponto: “frequentar regularmente um lugar” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2260).

Filha.

Filho. Etimologia: “Do lat. *Fĭlius*, *fĭlĭa*” (CUNHA, 2007, p. 357). Definição: “pessoa do sexo feminino em relação a seus pais” (FERREIRA, 1986).

Fuleira.

Fuleiro. Definição: algo “sem valor, insignificante, reles” (FERREIRA, 1986, p. 817).

Para Houaiss e Villar (2001, p. 1399) é “que ou aquele que age irresponsavelmente, sem seriedade”.

✚ **Galinha.**

Etimologia: “Do lat. *gallina*” (CUNHA, 2007, p.376).

Nos dicionários gerais, como em Ferreira (1988) e Houaiss (2001), a primeira definição é “a fêmea do galo”. Mas, em seguida, Ferreira (1988, p. 831) define galinha como “mulher (e por vezes homem) muito volúvel que se entrega com facilidade”. Para Houaiss e Villar (2001, p. 1420), pode ser ainda definido como “coisa fácil de se conseguir” ou “diz-se de ou indivíduo que (mulher ou homem) que varia facilmente de parceiro amoroso ou sexual”. Para Souto Maior (1988, p. 84), é a “mulher que se entrega com facilidade”. Em Girão (2007, p. 218), consta a definição: “A mulher casada ou solteira, que faz coito contra a natureza ou o barateia, mulher sem vergonha”. Relaciona-se o uso de *galinha* com a ideia de “arrastar asa para todos”, denotando promiscuidade, troca frequente de parceiros.

✚ **Machado.**

Etimologia: Do lat. **marculatum*, de *marcūlus*, dimin. *demarcus* ‘martelo’.

Definição: “instrumento cortante que se usa, encabado, para rachar lenha, aparelhar madeira, etc.” (FERREIRA, 1988, p. 1059). De acordo com Euclides Carneiro da Silva citado por Souto Maior (1988, p. 100), *machado* pode ser definido como “mulher sexualmente insaciável”. Assim como o instrumento machado é utilizado para cortar madeira, lenha, muitas vezes derrubando árvores que estão em pé, as prostitutas trabalham diretamente com o órgão sexual masculino, fazendo-o ficar ereto, para depois “derrubá-lo”.

✚ **Mensalina.** Variação fonética de Messalina.

Essa denominação vem de Valéria Messalina (imperatriz romana). Considera-se que houve processo de extensão semântica, o antropônimo passando a denominar as mulheres que vendem o corpo.

Motoserra.

Definição: “serra acionada por um motor, portátil, usado especialmente para corte de madeiras, árvores, etc” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. Ver *machado*).

Pirampeba.

Definição: espécie de piranha, “encontrada no rio São Francisco e em outros rios brasileiros” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p.2222).Se é um tipo de piranha, essa denominação está associada à ideia de voracidade na intenção de não perder nenhum cliente.

Piranha

.Definição: peixes “carnívoros e extremamente vorazes” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p.2222. Associada à ideia de voracidade na intenção de não perder nenhum cliente.

Plock.

Plock decorre de emprego metonímico para chiclete, ou seja, “*está na boca de todos*”.

Quenga.

Definição: “*vasilha feita de metade de um coco-da-baía da qual se retira a carne*” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p.2354). De acordo com o professor Sérgio Nogueira, “quenga virou sinônimo de prostituta no nordeste porque um coco sem a polpa seria como uma cabeça sem cérebro, uma pessoa desmiolada, como a quenga, que caiu na prostituição.Por semelhança, a palavra “coco” é utilizada para designar a cabeça”.

✚ *Safada.*

Definição: “que ou o que leva uma vida dissoluta; libertino, devasso, obsceno” (HOUAISS e VILLAR, 2011, p.2494). Quando se utiliza *safada* para se referir às prostitutas, torna-se evidente a existência de tabu que caracteriza essa profissão, sugerindo que essas profissionais não têm aceitação social.

2.3.3 Estrangeirismos, empréstimos

2.3.3.1 Ocorrências de estrangeirismo

Estrangeirismo: 4 ocorrências

✚ “*Bitch*”.

Origem: do inglês, traduzido, de forma livre, por *puta*.

✚ *Pirampeba*>*pirambeba*.

Origem: do tupi (HOUAISS e VILLAR, 2001, p.2222).

✚ *Piranha*.

Origem: “Do tupi-guarani; pir- ãi = o que corta a pele; de pir = pele + ãi = cortar, dilacerar” (CLEROT, 1959, p. 83).

✚ *Quenga*.

Origem: -do quimbundo (CUNHA, 2007, p.653). Quimbundo é uma “língua da família banta, falada em Angola pelos ambundos” (HOUAISS e VILLAR, 2011, p. 2360).

2.3.3.2 Ocorrências de empréstimo

Empréstimos: 4 ocorrências

✚ *Bandida*.

Bandido. Origem: “sm. ‘salteador, malfeitor’. XVI. Do it. bandito, deriv. de bandire ‘exilar’ e, este, do frâncico *bannjan (...) Do fr. banditisme” (CUNHA, 2007, p. 96).

Fuleira.

Fuleiro. Origem: “de origem controversa, do espanhol “fullero” (1570) (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 1399).

Piriguete.

Origem: de acordo com Rios (2011), *piriguete* é a forma adaptada de *perigo* + *girl* (que significa *garota* em do inglês). O *girl* foi adaptado para -guete, sofrendo processo de derivação sufixal, como já apresentado no Quadro 3.

Rapariga.

Origem: Para Cunha (200, p. 663), a etimologia para *rapariga* é de origem controversa. Já para Corominas, citado por Houaiss e Villar (2011, p. 2384), esse item lexical pode ser explicado por algum cruzamento ou alteração moderna; (...) igo não é uma term. corrente no português, e sugere uma origem leonesa, **raprigo*, que quer dizer rapaz. Nos dicionários e vocabulários consultados, *rapariga* é definida como sinônimo de *meretriz*.

2.4 Manutenção de formas latinas

Dentre os itens lexicais analisados, foram encontrados cinco itens que mantiveram a forma latina e seus significados. Apresenta-se esses itens como grupo à parte, por considerar que, nesse vaso, não houve um processo de formação na língua portuguesa, mas manutenção de formas do latim.

Manutenção de formas latinas: 5 ocorrências

Meretriz.

Etimologia: “Do latim *merētrīx, cis*, de *merēre* ‘ganhar dinheiro’ (HOUAISS e VILLAR, 2001, p.1899).

Mundana.

Etimologia: do “lat. *mundānus*, a, um ‘do mundo’ (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 1979).

Definição: “mulher que valoriza o mundo material” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 1979).

Prostituta.

Etimologia: do latim *prōstitūta* (CUNHA, 2007, p. 641).

Putá.

Etimologia: do latim vulgar *pūttus* – rapazinho, menino (CUNHA, 2007, p. 649).

Vagabunda.

Etimologia: do latim, *vagabūndus*, a, um (HOUAISS e VILLAR, 2011, p. 2360).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA E DE ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Para a efetivação deste trabalho, de natureza qualitativa, fez-se necessária a realização de pesquisas bibliográficas em livros, dicionários gerais e dicionários especializados, vocabulários regionais, teses, dissertações, artigos científicos, sobre os temas: prostituição, tabu linguístico, sexo, sexualidade, processo de formação de palavras, elaboração de glossários. A segunda etapa consistiu na delimitação e seleção do *corpus*, tomando como base as denominações para *prostituta* analisadas nos estudos de Ribeiro (2012, 2013). A terceira etapa consistiu na análise dos dados, por meio de preenchimento de fichas lexicográficas²⁴. E, em um último momento, foi elaborado o glossário.

3.1. Para a constituição do *corpus* da pesquisa

3.1.1 Dados que decorrem dos estudos de Ribeiro (2012)

Ribeiro (2012)²⁵ investiga a variação denominativa de *prostituta* na cidade de São Luís – Maranhão, considerando a relação léxico/sociedade/cultura. Para tanto, o autor adotou a seguinte metodologia: seleção de 10 sujeitos, todos do sexo masculino, distribuídos por duas faixas etárias – faixa I (de 20 a 30 anos) e faixa II (a partir de 40 anos, que residiram ou trabalharam na ZBM – Zona de Baixo Meretrício²⁶); realização de entrevista e análise dos dados. O estudo, diagenérico, objetiva confrontar as denominações atribuídas às “profissionais do sexo”, entre as décadas de 40 e 50 do século passado e evidencia denominações diferenciadas para prostituta, influenciadas pelo fator faixa etária.

3.1.2. Dados que decorrem dos estudos de Ribeiro (2013)

Já Ribeiro (2013) toma como base, para a elaboração de seus dados, o *corpus* extraído do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão –ALiMA, referente aos municípios que compõem a rede de pontos do Projeto. Os dados desse Projeto são obtidos por meio de aplicação de questionários, divididos igualmente pelos dois sexos e por duas faixas etárias, faixa etária 1 (18 a 35 anos) e faixa etária 2 (50 a 65 anos), com informantes naturais

²⁴ Cf. Apêndice 1 – modelo de ficha lexicográfica já preenchida.

²⁵ Os itens lexicais apresentados em Ribeiro (2012) podem ser vistos no Anexo 1.

²⁶ Trecho localizado no Centro Histórico da capital do estado do Maranhão, formado por “quatro quarteirões e algumas vielas de inestimável valor arquitetônico e cultural que abrangiam as ruas da Estrela, Palma, 28, entre outras” (TEIXEIRA, 2002, p.9).

das localidades investigadas. São considerados apenas quatro informantes por localidade, exceto para a capital do estado, São Luís, que considera, no fator escolaridade, também o nível superior e, em razão disso, seleciona um número de oito informantes. Foram selecionados municípios que estão localizados em cada uma das cinco mesorregiões que compõem o estado:

- Mesorregião Norte: São Luís e Pinheiro;
- Mesorregião Centro: Bacabal e Tuntum;
- Mesorregião Oeste: Imperatriz e Turiaçu;
- Mesorregião Leste: Brejo, São João dos Patos e Araiões;
- Mesorregião Sul: Carolina, Alto Parnaíba e Balsas.

Foram consideradas as respostas dadas pelos informantes à pergunta de número 139 do questionário semântico-lexical do ALiMA: “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?” As respostas fornecidas a essa questão, pelos informantes, permitiu a análise da tabuização para prostituta, considerando os fatores faixa etária e sexo, e a elaboração de cartas linguísticas²⁷, de modo que as denominações presentes nessas cartas são a base para este estudo.

Em adição aos estudos de Ribeiro (2013), que apenas considera a variação denominativa para *prostituta* nas cinco mesorregiões do estado do Maranhão, propõe-se, neste estudo, a elaboração de um glossário, que sintetizará os objetivos propostos – as evidências sobre a relação existente entre os tabus linguísticos e os processos de formação de palavras, considerando que, uma vez que há intervenções de natureza linguística, os falantes utilizam os processos de formação de palavras como mecanismo de fuga de lexias tabuizadas.

3.2. Elaboração de glossário

3.2.1 Glossário: noções gerais

Para o estudo aqui apresentado, como já mencionado anteriormente, propõe-se a elaboração de glossário. Para tanto, torna-se necessário expor a concepção de glossário utilizada.

Concorda-se com Barbosa (1994, p. 292), quando afirma que “(...) o glossário, no sentido em que aqui o empregamos, deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou, noutros termos, extraídas de um

²⁷Cf. Anexo 2 – Cartas linguísticas apresentadas por Ribeiro (2013).

único discurso concretamente realizado”. A mesma autora ainda propõe que “(...) um glossário será “dicionário do discurso” (BARBOSA, 1995, p. 3).

Em consonância às propostas de Barbosa (1994, 1995), serão levantadas palavras e ocorrências num texto manifestado, uma vez que se toma como base as lexias que decorrem dos bancos de dados do Projeto ALiMA – que retratam usos linguísticos do estado do Maranhão. Assim, serão analisadas as variantes para *prostituta*, a partir do glossário, que permitirá confrontar as definições apresentadas pelos dicionários, uma vez que se considera que “A palavra, enfim, enquanto unidade-padrão do glossário, tem significado específico, estruturado como epissemema – daquela ocorrência, naquela combinatória –, relacionado a um *chronos*, a um *topos*, a um *stratum* e a uma *phasis*. Trata-se de unidade de um discurso manifestado, *in presentia*” (BARBOSA, 1994, p. 292).

Deve-se mencionar, ainda, que a elaboração de um glossário é marcada por características próprias desse inventário: compreendem macroestrutura, microestrutura e processo de remissivas.

3.2.2 Quanto às entradas: a macroestrutura

Os glossários apresentam uma macroestrutura, que diz respeito às entradas, ou, como define Pontes (2009, p. 73), “Entende-se por macroestrutura o conjunto de entradas organizadas verticalmente”. Para tanto, o autor ainda defende que há particularidades macroestruturais.

Essas particularidades se referem à ordenação das entradas, que pode ser classificada como uma ordenação alfabética linear, que “consiste em seguir estritamente a ordem alfabética e trazer uma entrada principal para cada entrada do dicionário” (PONTES, 2009, p. 77) ou uma ordenação alfabética em agrupamentos, que “consiste em agrupar primeiro as palavras por famílias léxicas e ordená-las alfabeticamente” (PONTES, 2009, p. 78).

Para este estudo, considera-se, ainda, Faulstich (1990, p. 213) que mostra como “A macroestrutura da obra lexicográfica, constituída pelo conjunto de entradas, obedecerá a critérios em conformidade com a natureza do *corpus*”. Dessa forma, optou-se por utilizar a ordenação alfabética linear, por seguir, para este caso, o acordo comum da lexicografia tradicional e por considerar que essa ordenação facilita a localização dos itens lexicais no glossário.

Além das entradas, os glossários também apresentam informações complementares, a microestrutura.

3.2.3 Quanto às informações complementares: a microestrutura

A microestrutura, diferentemente da macroestrutura, está relacionada à redação do verbete, “consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete” (PONTES, 2009, p. 95). Corroborando essa proposta, Debove (1971), citado por Barbosa (1994, p. 141-142) defende a existência de uma microestrutura básica,

constituída pelo conjunto das ‘informações’ ordenadas que se seguem à entrada e que tem uma estrutura constante, correspondente a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada. A esse conjunto ‘entrada + enunciado lexicográfico’ denominamos ‘artigo’ ou ‘verbeta’. Desse modo, o ‘artigo’ mínimo tem dois constituintes: ‘entrada’ e ‘definição’.

Em consonância com as propostas acima apresentadas, optou-se por apresentar, no glossário, verbetes constituídos por variantes para *prostituta*, classificação morfológica, etimologia da palavra (quando houver registros nos dicionários), processo de formação de palavras correspondente e motivações para as atribuições. Para tanto, os verbetes serão redigidos a partir da elaboração de fichas lexicográficas, preenchidas de maneira individual para cada item lexical. Além disso, considera-se que, nos verbetes, aparecerão as remissivas, que estabelecem a relação entre um item e outro dentro do próprio glossário.

3.2.4 As fichas lexicográficas²⁸

Para auxiliar a redação dos verbetes, fez-se necessária a elaboração e o preenchimento de fichas lexicográficas, compostas pelos itens que formam os verbetes. As fichas são compostas, em linhas gerais, por seis partes: identificação – constituída por informações institucionais, número da ficha e data da última atualização. Além disso, devem ser preenchidas seções referentes à entrada, dicionarização, etimologia, processo de formação de palavras, motivação e processo de remissivas.

Na seção *entrada*, consta o item lexical, casos em que há definição específica e a referência gramatical – a classificação morfológica. É bem verdade que o glossário apresentará apenas variantes para *prostituta*, mas já é possível observar que há, nessas

²⁸ Um modelo de ficha lexicográfica já preenchida pode ser visualizado no Apêndice de número 1.

variantes, alguns empregos específicos. Pode-se citar, como exemplo, o item lexical *filha(s)*, que é empregado para se referir à(s) prostituta(s), mas apenas pela cafetina e quando esta se dirige à prostituta. Por essa razão, elaborou-se uma seção que considera a existência, ou não, de um uso mais específico. Verificou-se se as denominações consideradas para este estudo já estão apresentadas nos dicionários.

Nas seções *dicionarização* e *etimologia* foram consideradas as definições apresentadas nos dicionários gerais da língua, dicionários específicos e vocabulários regionais, de modo a evidenciar se essas definições correspondem aos usos dos itens lexicais para *prostituta* no português do Maranhão – por vezes não correspondem, como pode ser evidenciado no emprego de *machado*, definido, usualmente, como “instrumento cortante encabado, para rachar lenha etc.” (CUNHA, 2007, p. 486). O critério *etimologia* também foi considerado para este estudo, uma vez que fornece pistas para compreensão do momento em que o item lexical passou a ser utilizado e, muitas das vezes, permite compreender as motivações existentes para os usos. Para estas duas seções, foram consideradas as informações apresentadas em dicionários gerais da língua, dicionário etimológico, o dicionário do palavrão, dicionário regional e vocabulários do Nordeste.

Quanto aos dicionários gerais da língua, consultou-se Ferreira (1986) e Houaiss e Villar (2001). A escolha por dicionários lançados em anos diferentes justificou-se pela necessidade de inferir, de forma global, o período em que o item lexical passou a ser utilizado e, conseqüentemente, apresentado nos verbetes do dicionário. Justificou-se a escolha dessas duas obras já que Ferreira (1986) é concebido como uma obra relevante para a língua portuguesa, e que o dicionário de Houaiss e Villar (2001), desde a sua primeira edição, “foi considerado como o mais completo dos dicionários da língua portuguesa”. (BENARROCH, 2014, p. 189). Por ser completo, esse dicionário apresenta a etimologia da palavra, mas buscou-se também suporte etimológico em Cunha (2007). Em termos de dicionários específicos da língua, considerou-se o *Dicionário do Palavrão*, de Souto Maior (1988); o *Dicionário do Nordeste*, de Navarro (2004) e os seguintes vocabulários: *O vocabulário de Termos Populares e Gírias da Paraíba*, de Clerot (1959) e o *Vocabulário Popular Cearense*, de Girão (2007) – obras lexicográficas também publicadas em períodos diferentes, de modo que, diversos dos itens lexicais analisados neste estudo já estão presentes em verbetes dessas obras.

Uma vez que o cerne deste estudo é a relação existente entre tabus e processos de formação de palavras, a ficha contém uma seção para classificar o item lexical, considerando o processo de formação de palavras e o referencial teórico que embasa a classificação – quarta

seção presente na ficha lexicográfica. Em seguida, na quinta seção, consta a motivação existente para as denominações – para tanto, foram consideradas as definições dos dicionários e informações fornecidas pelos informantes, no momento de aplicação das entrevistas. Para finalizar a ficha, com vistas a tornar o glossário mais didático, foi preenchida a seção de remissivas – que se refere às remissões a outro ponto. No glossário há, por exemplo, uma remissiva para a motivação presente em *motosserra* e *machado*, uma vez que a motivação é a mesma – é feita uma associação de ideias entre o trabalho das prostitutas e o nome dado de forma popular ao órgão genital masculino.

No próximo capítulo, apresenta-se o glossário.

4 GLOSSÁRIO

O glossário, neste estudo, é a sistematização das propostas e teorias mencionadas nos capítulos anteriores. Para tanto, apresenta-se um glossário que tem as seguintes características, além das já apresentadas no capítulo anterior:

- ✚ Formado por 46 entradas, apresentadas de forma alfabética e linear;
- ✚ Os verbetes seguem a estrutura:

Item lexical + *Classificação morfológica*

+/- Processo(s) de formação de palavras

+/- **Etimologia**

+ Variante

+ **Motivação**

+/- Remissiva.

Assim:

- Para a classificação morfológica, considera-se, para os casos de lexicalização, que há formação de sintagmas nominais femininos, como em: **Faz ponto** *sint. nom. f.*

- Quando há mais de um processo de formação de palavras, apresenta-se a ordem em que aconteceram os processos, como em: “**A fiel**” *s.f.* ▪ Composição + lexicalização + extensão semântica.

- A etimologia não é apresentada apenas nos itens que ainda não estão presentes nos dicionários e nos itens formados por processo de lexicalização, por acreditar não fazer sentido considerar um item lexical isolado, mesmo que esse seja o núcleo, uma vez que, no processo de lexicalização, são formados blocos de sentido, com dependência entre si.

- Após a etimologia ou após os processos, para os itens em que a etimologia não é apresentada, as variantes para *prostituta* são classificadas como variantes genéricas ou variantes específicas. Considera-se variante genérica aquela que se refere a *prostituta* sem especificar contextos específicos ou circunstâncias determinadas. Essa definição sintética se faz necessária por haver casos, de acordo com as obras lexicográficas consultadas, em que há variantes específicas, como em: *Garota de programa*, definida como “mulher jovem que se prostitui sem se expor nas ruas como a prostituta comum, geralmente fazendo contatos por telefone”, como registram Houaiss e Villar (2001).

- Para a motivação, parte-se de definições apresentadas nos dicionários e vocabulários – que sinalizam, em grande parte, a razão das denominações e quaisquer outros estudos que abordem as denominações para *prostituta* – e informações fornecidas pelos

informantes quando nos inquéritos do Projeto ALiMA ou nas entrevistas de Ribeiro (2012). Em casos em que os itens lexicais não estão presentes nos dicionários, busca-se identificar a motivação, com base em aspectos formais – a própria estrutura do item, por vezes, sinaliza a motivação e aspectos semânticos – considerando as extensões semânticas.

A

“A **fiel**” *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização + extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** O item lexical *fiel*, como registra Ferreira (1986), é a pessoa “que cumpre aquilo a que se designa”, sugerindo que a prostituta também pode ser denominada de “a fiel” por ser fiel ao compromisso assumido junto aos clientes, cumprindo o combinado para obtê-lo.

Aquela que costura pra fora *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização + extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta*

▪ **Motivação:** *Costurar*, registram Houaiss e Villar (2001), significa “estabelecer, promover (alianças, acordos, etc) em conversas, geralmente com várias pessoas, a fim de se conseguir alguma coisa. Girão (2007) define *mulher que costura para fora* como mulher infiel ao marido. *Aquela que costura pra fora* para denominar as prostitutas faz sentido quando se considera que, assim como as mulheres infiéis, essas profissionais fazem atividades sexuais fora de casa. Pelo fato de o sexo envolver tabu, essas atividades são consideradas inadequadas.

B

Bandida *s.f.*

- Empréstimo + extensão semântica.
- **Etimologia:** Do it. *Bandito*, registra Cunha (2007).

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** *Bandido*, registram Houaiss e Villar (2001) quer dizer “pessoa sem caráter, de maus sentimentos”. O emprego de *bandida* evidencia a existência de tabu que permeia essa profissão, sugerindo que essas profissionais, assim como os bandidos, estão sempre à margem da sociedade.

Bitch *s.f.*

- Estrangeirismo.

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** vem do inglês e pode ser traduzido, de forma livre, por *puta*. Uso comum e frequente em filmes, músicas e séries norte-americanas.

C

Camélia s.f.

- Extensão semântica.
- **Etimologia:** do latim científico “*Camellia*”, registram Houaiss e Villar (2001).

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** Camélias são “plantas com flores vermelhas, brancas ou rosas, muito perfumadas, registram Houaiss e Villar (2001). Souto Maior (1988) define *camélia* por mulher perdida, prostituta e defende que essa denominação possivelmente decorre da obra *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas. Concorda-se que a motivação possa estar relacionada a essa obra de Dumas, mas a definição apresentada por Houaiss e Villar também deve ser considerada – no Maranhão, é comum ouvir, quando na presença de uma pessoa bastante cheirosa, a expressão: você está mais cheiroso (a) que penteadeira de puta!. Expressões como essa parecem sinalizar que as prostitutas geralmente utilizam perfumes em demasia. Assim, acredita-se que o uso de *camélia* se relaciona também com a associação entre o aroma forte das camélias e os perfumes excessivos utilizados pelas prostitutas.

Corinho (a) s.f.

- Extensão semântica + derivação sufixal
- **Etimologia:** Do lat. *cōriūm*”, registra Cunha (2007).

Variante específica para *prostituta*. Prostituta que acaba de entrar na vida de prostituição.

- **Motivação:** nas primeiras definições, couro é definido como sendo a pele de certos animais. Mas Ferreira (1986), Houaiss e Villar (2001) registram couro como designação para prostituta velha. Em adição a essa definição, cita-se Girão (2007), que define courão: “mulher velha e feia, prostituta em decadência”. Mesmo que de forma inconsciente, os falantes utilizam courinho para a prostituta recém-chegada e courão para a prostituta já velha e decadente. Além disso, há uma relação metafórica que relaciona o hímen, do órgão sexual feminino, atestado de virgindade à condição de prostituta novata, ou seja, praticamente virgem na prostituição ou recentemente desvirginada.

F

Falsa *s.f.*

- Extensão semântica
- **Etimologia:** do latim “*falsus*”, como registra Cunha (2007).

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** *falso*, registra Houaiss e Villar (2001) pode ser definido como algo “em que há mentira, fingimento, dolo”. Essa definição permite refletir que faz sentido, para os falantes, qualificar a prostituta como falsa, considerando que essas profissionais têm de simular interesse sexual pelos clientes, fingindo, inclusive, o alcance do clímax nas relações sexuais.

Faz ponto (a) *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização + extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** *Fazer ponto*, segundo Houaiss e Villar (2001), significa frequentar regularmente algum lugar. A denominação *faz ponto*, aludindo às prostitutas, decorre do fato de que muitas dessas profissionais trabalham na rua, frequentando locais específicos, pontos de prostituição, definidos, marcados e respeitados de forma rigorosa.

Filha *s.f.*

- Extensão semântica.
- **Etimologia:** do latim “*filius*, *filia*”, registra Cunha (2007).

Variante específica para *prostituta* – forma como as cafetinas se dirigem às prostitutas.

- **Motivação:** *Filha*, registra Ferreira (1986), pode ser definido como “pessoa do sexo feminino em relação a seus pais”. O informante que citou esse item lexical explicou que filha é a forma como as cafetinas se dirigem às prostitutas que trabalham em seu estabelecimento, sugerindo uma relação maternal ou de proteção.

Fuleira *s.f.*

- Empréstimo + extensão semântica.
- **Etimologia:** “de origem controversa, do espanhol *fullero*”, registram Houaiss e Villar (2001).

Variante específica para *prostituta*.

- **Motivação:** *Fuleiro*, registra Ferreira (1988), é algo “sem valor, insignificante, reles”. Acredita-se que, mais uma vez, o uso de *fuleira* evidencia a existência de tabu que permeia essa profissão, sugerindo que essas profissionais não têm aceitação social.

G

Galinha *s.f.*

- Extensão semântica.
- **Etimologia:** “Do lat. *gallina*”, registra Cunha (2007).

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** Galinha, em uma primeira acepção, pode ser definida como “a fêmea do galo”, como registram Ferreira (1986) e Houaiss e Villar (2001). Mas, nas definições seguintes, os mesmos autores definem galinha como “coisa fácil de se conseguir” ou “diz-se de ou indivíduo que (mulher ou homem) que varia facilmente de parceiro amoroso ou sexual”. Para Souto Maior (1988), é a “mulher que se entrega com facilidade”. Em Girão (2007, p. 218), consta a definição: “A mulher casada ou solteira, que faz coito contra a natureza ou o barateia, mulher sem vergonha”. Relaciona-se ainda o uso de *galinha* com a ideia de “arrastar asa para todos”, denotando promiscuidade, troca frequente de parceiros.

Garota de programa *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante específica para *prostituta*, definida como “mulher jovem que se prostitui sem se expor nas ruas como a prostituta comum, geralmente fazendo contatos por telefone”, como registram Houaiss e Villar (2001).

- **Motivação:** *Programa* é definido por Houaiss e Villar (2001) como “Diversão, recreação previamente planejada”. A motivação para o uso de *garota de programa* é determinada por essas duas características: 1. Empregado para designar prostituta jovem; 2. Essa prostituta jovem deve, no momento do trabalho, cumprir ações sexuais acordadas, necessárias para ter direito à remuneração.

M

Machado (a) s.f.

- Extensão semântica.

▪ **Etimologia:** Do lat. **marculatum*, de *marculus*, dimin. *demarcus* ‘martelo’, registra Cunha (2007).

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Machado pode ser definido como um “instrumento cortante que se usa, encabado, para rachar lenha, aparelhar madeira, etc”, segundo Ferreira (1988). De acordo com Euclides Carneiro da Silva, citado por Souto Maior (1988), *machado* pode também ser definido como uma “mulher sexualmente insaciável. Acredita-se que *machado*, empregado para designar as prostitutas, relaciona-se com o nome popular dado ao órgão sexual masculino – *pau*. Assim como o instrumento machado é utilizado para cortar madeira, lenha, muitas vezes derrubando árvores que estão em pé, as prostitutas trabalham diretamente com o órgão sexual masculino fazendo-o ficar ereto, para depois “derrubá-lo”.

Maria-vai-com-todos sint. nom. f.

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** esse item lexical não está registrado nas obras lexicográficas consultadas. Há uma possível associação de ideias com a expressão *Maria-vai-com-as-outras*, cujo significado é “pessoa sem personalidade, que se deixa facilmente influenciar ou levar pelos outros”, para Houaiss e Villar (2001), p. 1854. O informante que a empregou, comerciante no Centro Histórico da cidade de São Luís desde a época da antiga Zona de Baixo Meretrício, explicou que havia, em um dado momento, na ZBM, uma prostituta chamada Maria, que não fazia exigências para escolha dos clientes. Retomando as palavras do comerciante: “qualquer homem estava valendo, ia para a cama com todos”. Assim, há uma relação possível entre *Maria-vai-com-todos* e *Maria-vai-com-as-outras*: ambos os itens lexicais denotam uma pessoa que facilmente é influenciada a fazer algo.

Mensalina. Messalina s.f.

- Extensão semântica.

▪ **Etimologia:** “Do antr. Messalina, imperatriz romana”, segundo Cunha (2007). Antropônimo de formação no latim. Variação fonética de forma latina.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** “Messalina, da mulher de Cláudio I, (10 a.C. – 54 d.C., imperador de Roma, famosa pela devassidão”, como registra Ferreira (1986). Pode ser, neste caso, uma menção a Valéria Messalina, esposa do imperador romano Claudius I, conhecida por ser adúltera. Conta-se que apostou com uma prostituta quem teria o maior número de relações sexuais em 24 horas. A prostituta desistiu antes de terminado o prazo e Messalina continuou por mais de 24 horas. Ficou na história como exemplo de mulher dissoluta, lasciva.

Meretriz *s.f.*

- Derivação sufixal

▪ **Etimologia:** “Do latim *merētrīx, cis, demerēre* ‘, ganhar dinheiro’, registram Houaiss e Villar (2001). Manutenção de forma latina.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** De acordo com Houaiss e Villar (2001), o sufixo *-iz* “funciona como formador de femininos do latim”. Desse modo, considerando o papel morfológico do sufixo *-iz* e a etimologia desse item lexical, acredita-se que houve um processo de derivação sufixal, decorrente da idéia de “mulher que ganha dinheiro” no meretrício.

Motosserra *s.f.*

- Amálgama + extensão semântica.

▪ **Etimologia:** *moto(r) + serra*, como registram Houaiss e Villar (2001).

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Motosserra é, de acordo com Houaiss e Villar (2001), uma “serra acionada por um motor, portátil, usado especialmente para corte de madeiras, árvores, etc”. Motivação semelhante a *machado*.

Ver *machado*.

Mulher baixa *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*. ▪

Motivação: Baixa: “(...) diminuição da altura ou de valor”, como registra Ferreira (1986). Assim, quando se utiliza *mulher baixa*, como variante para *prostituta*, não é feita alusão a uma mulher de baixa estatura, mas a uma profissional do sexo, evidenciando a existência de tabu que caracteriza essa profissão, sugerindo que essas profissionais não têm aceitação social.

Mulher barata *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Barata: “mulher velha, carocha”, registra Ferreira (1986). Barato: “que se vende por baixo preço”, como registram Houaiss e Villar (2001). O uso de *mulher barata* evidencia a existência de tabu que caracteriza essa profissão, sugerindo que essas profissionais não têm aceitação social, uma vez que se utilizam de relações sexuais para obtenção de dinheiro.

Mulher da vida *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Aparece definida como *meretriz* em Ferreira (1986), Souto Maior (1988). Houaiss e Villar (2001) e Girão (2007). *Mulher da vida* denota a ideia de uma mulher entregue à própria sorte, de vida livre, sem controle. Redução de *mulher da vida airada*, que significa “vida de vagabundo”.

Mulher da zona *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante específica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** significa, de acordo com Souto Maior (1988), a “prostituta profissional que reside na zona de meretrício”.

Mulher de programa *s.f.*

- Composição + lexicalização.

Variante específica para *prostituta*

▪ **Motivação:** Não registrada em Ferreira (1988). Para Houaiss e Villar (2001), é: “1 Mulher que, mediante pagamento, acompanha um homem de negócios e deve comportar-se de modo previamente planejado. 2 Aquela que, também mediante pagamento, participa de encontros com fins sexuais e/ou de lazer”. Ver *garota de programa*.

Mulher de soldado *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante específica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** “Prostituta reles”, registra Souto Maior (1988). Algumas características apresentadas sobre o ofício de cabos e soldados da polícia militar, sob código 0212, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002) merecem destaque. Na seção que trata das condições gerais de exercício para esse ofício, encontra-se que “o horário pode ser diurno, noturno ou em rodízio de turnos. Permanecem, durante longos períodos, em posições desconfortáveis, e trabalham sobre pressão, o que pode levá-los a situações de estresse” (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002 p. 37). Essa definição da CBO permite que se faça algumas inferências sobre a motivação para essa denominação, que pode acontecer por uma associação de ideias, como, por exemplo, presumir que os soldados exercem um trabalho desgastante, com uma carga horária excessiva e irregular, do que se pode depreender que uma “mulher de soldado” pode ter e, ao mesmo tempo, não ter um marido, porque passam muito tempo sozinhas, o que ocorre também na vida das prostitutas – têm vários parceiros, mas nenhum deles tende a se tornar fixo.

Mulher de vida fácil *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Forma não apresentada nas obras consultadas. Ter “vida fácil” se relaciona ao fato de as prostitutas não apresentarem, no seu ofício, características de um emprego formal – bater ponto, ter horários definidos de início e fim de expediente, educação formal etc.

Mulher do mundo *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Item lexical presente em Ferreira (1988) e Houaiss e Villar (2001). *Mulher do mundo* denota a ideia de uma mulher entregue à própria sorte, solta pelo mundo. Não é de um parceiro específico, mas de quem a queira.

Mulher fácil *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Fácil. Definição: “1 Que se faz ou se consegue sem custo ou esforço”, registra Ferreira (1986). As prostitutas vivem do trabalho com o corpo, sem que se exija, em geral, que tenha formação escolar, bagagem intelectual ou cultural, como acontece com outras profissões, de modo que a vida que levam aparenta ser fácil, sem exigências, da mesma forma que não costumam ser seletivas, por conta da necessidade de seu próprio sustento.

Mulher ocupada até às seis horas da manhã *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Item lexical não apresentado nas obras consultadas. Considerando que as prostitutas podem trabalhar em qualquer período do dia, faz sentido pensar que essa denominação, além de marcada por aspecto de crítica ao ofício, remete à rotina de trabalho dessas profissionais, que pode perdurar por toda a noite, enquanto houver clientes.

Mulher que vende carinho *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Item lexical não apresentado nas obras consultadas. Acredita-se que essa denominação decorre de característica comum ao ofício da prostituição: carinho, neste caso, é um eufemismo para relações sexuais, que acontecem com o intuito de retorno financeiro.

Mundana s.f

▪ **Etimologia:** do “lat. *mundānus, a, um* ‘do mundo’, registram Houaiss e Villar (2001). Manutenção de forma latina.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Mundana fornece a idéia de alguém do mundo, uma mulher “que valoriza o mundo material”, como registram Houaiss e Villar (2001).

P

“Pirampeba” *s.f.*

- Estrangeirismo + extensão semântica.
- **Etimologia:** vem do tupi, registram Houaiss e Villar (2001).

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** *Pirampeba* é uma “espécie de piranha, encontrada no rio São Francisco e em outros rios brasileiros”, registram Houaiss e Villar (2001).

Ver *piranha*.

Piranha *s.f.*

- Estrangeirismo + extensão semântica.
- **Etimologia:** “Do tupi-guarani; pir- ãi = o que corta a pele; de pir = pele + ãi = cortar, dilacerar”, registra Clerot (1959).

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** piranhas são peixes “carnívoros e extremamente vorazes”, registram Houaiss e Villar (2001). Assim, relaciona-se com a ideia de voracidade, na intenção de não perder nenhum cliente.

Piriguete *s.f.*

- Empréstimo + derivação sufixal.
- **Etimologia:** pirigo (sic) + girl >piriguete.

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** De acordo com Rios (2011), *piriguete* é um item lexical formado nas periferias de Salvador, divulgado nacionalmente pela música *Piriguete*, de Mc Sapo. É a forma adaptada de *perigo* + *girl* (*girl* significa *garota* em inglês). O *girl* foi adaptado para -guete, sofrendo processo de derivação sufixal, utilizado para denominar prostitutas, pois essas estão sempre disponíveis, sempre “a perigo”.

Plock *s.f.*

- Extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** Item lexical não dicionarizado. Mas é possível relacionar *plock* – marca de chiclete popular, com chicletes vendidos por um baixo preço, à ideia de algo sem valor e que “está na boca de todos”.

Profissional do sexo *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Profissional: “2 Que exerce alguma atividade por profissão ou ofício”, registra Ferreira (1986). Em adição a essa definição, destaca-se que na Classificação Brasileira de Ocupações (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002), as prostitutas são denominadas profissionais do sexo, sob o código de número 5198. Essa classificação está dividida em grupos e as profissionais do sexo estão inseridas no Grande grupo 05 (trabalhadores de serviços, vendedores de comércio em lojas e mercados). Na descrição sumária, (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002, p. 809), são descritas como profissionais que “Buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam de ações educativas no campo da sexualidade”. Assim, considera-se *profissional do sexo* como uma denominação com caráter formal, na tentativa de conceber a prostituição como ofício comum – fala-se, considerando a própria CBO, em profissionais das ciências, profissionais das artes e, por associação, as *profissionais do sexo*.

“Prost” *s.f.*

- Abreviação vocabular: *Prost*, em vez de *prostituta*.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** A abreviação vocabular *prost* é geralmente pronunciada em tom sarcástico e apresenta caráter de intensificação da carga semântica negativa associada à profissão.

Prostituta *s.f.*

- **Etimologia:** “Do latim *prōstitūta*”, segundo Cunha (2007). Manutenção de forma latina.

Variante genérica para *profissional do sexo*.

▪ **Motivação:** Prostituir: “tornar-se prostituta, meretriz” XVI. Do latim *prōstituēre*. **Prostibular** 1899. **Prostíbulo** XVII. Do latim *prostibulum*–*i*. **Prostituição** 1813. Do latim *prōstitūtīō* – *ōnis*. **Prostituta** XIX. Do latim *prōstitūta*. Usado, desde o início, como denominação para *mulher que vende o corpo*.

Putá *s.f.*

▪ **Etimologia:** Decorre do “latim vulgar *pūtus* – rapazinho, menino”, como registra Cunha (2007). Manutenção de forma latina.

Variante genérica para *prostituta*

▪ **Motivação:** ‘meretriz, mulher devassa’ XVIII. Feminino de puto, do latim vulgar **pūtus*. Usado, desde o início, como denominação para *mulher que vende o corpo*.

Q

Quenga *s.f.*

▪ Estrangeirismo + extensão semântica.

▪ **Etimologia:** item lexical que vem do quimbundo, como registra Cunha (2007). De acordo com Houaiss e Villar (2001), quimbundo é uma “língua da família banta, falada em Angola pelos ambundos”.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Quenga: “*vasilha feita de metade de um coco-da-baía da qual se retira a carne*”, registram Houaiss e Villar (2001). É uma vasilha utilizada para transportar grãos. Por associação de ideias, pode significar a pessoa que “*pega tudo*”, pega qualquer pessoa. Em outra interpretação, de acordo com o professor Sérgio Nogueira, “quenga virou sinônimo de prostituta no nordeste porque um coco sem a polpa seria como uma cabeça sem cérebro, uma pessoa desmiolada, como a quenga, que caiu na prostituição. Por semelhança, a palavra “coco” é utilizada para designar a cabeça”.

R

Rapariga *s.f.*

- Empréstimo

▪ **Etimologia:** Para Cunha (2007), a etimologia para *rapariga* é de origem controversa. Já Corominas, citado por Houaiss e Villar (2011, p. 2384), defende que esse item lexical pode ser explicado por algum cruzamento ou alteração moderna; (...) igo não é uma terminologia corrente no português, e sugere uma origem leonesa, **raprigo*, que quer dizer rapaz.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Por, de acordo com Corominas, advir de origem leonesa, que significa rapaz, pode indicar uma moça jovem que está na prostituição. Importante mencionar que essa conotação existe no português brasileiro, em contraponto a moça. No português europeu, não tem esse valor semântico.

Rameira *s.f.*

- Derivação sufixal.

Etimologia: *Ramo + eira*.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** De acordo com Houaiss e Villar (2011) e Cunha (2007), a denominação *Rameira* teve origem no século XV, quando essas profissionais utilizavam ramos, nas entradas dos bares, para sinalizar que estavam trabalhando naquele recinto.

Rapuquenga *s.f.*

- Amálgama.

Etimologia: Fragmentos de *Rapariga + puta + quenga*.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** item lexical não registrado nas obras consultadas. De acordo com o informante que a citou, esse item lexical era usado na Escola Liceu Maranhense, por volta dos anos de 2005 e foi criado por um grupo de amigos para se referir às prostitutas de uma forma mais divertida.

S.

Safada *s.f.*

- Derivação sufixal.

Etimologia: “*part. de safar lit. gasto com o uso*”, como registram Houaiss e Villar (2001). Safa(r)+ ada.

Variante genérica para *prostituta*▪

Motivação: Safado: algo “gasto ou inutilizado pelo uso” (HOUAISS e VILLAR, 2001). Assim, quando se utiliza *safada* para se referir às prostitutas, torna-se evidente a existência de tabu que caracteriza essa profissão, sugerindo que essas profissionais não têm aceitação social.

Sem vergonha *sint. nom. f.*

- Composição + lexicalização.

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** item lexical não localizado nas obras consultadas. Parece estar relacionado ao fato de as prostitutas, no momento do ofício, não apresentarem pudores para conquistar os clientes. Essa denominação torna evidente a existência de tabu que caracteriza essa profissão, sugerindo que essas profissionais não têm aceitação social.

Solteira *s.f.*

- Derivação sufixal.

Etimologia: *solteiro* + *-a* vogal temática tomada como desinência de feminino”, segundo Houaiss e Villar (2001).

Variante genérica para *prostituta*.

▪ **Motivação:** Solteira: “1 mulher não casada 2 (...) meretriz”, como registram Houaiss e Villar (2001). O uso de *solteira* pode estar relacionado ao fato de as prostitutas não apresentaram parceiros fixos, embora mantendo relações sexuais frequentes.

V

Vadia *s.f.*

- Derivação sufixal + extensão semântica.

Etimologia: Vadiar: “vadio + *-ar*”. Vadia: “fem. de vadio”, para Houaiss e Villar (2001). Vadia é formada por vadio + *-a*, vogal temática formada como desinência de feminino.

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** Vadio: pessoa que não tem ocupação, trabalho ou nada faz, registra Houaiss e Villar (2001). Assim, *vadia* parece estar relacionada ao fato de as prostitutas não apresentarem, no seu ofício, exigências de um emprego formal.

Vagabunda *s.f.*

- Extensão semântica.

Etimologia: do latim *vagabūndus*, *a*, *um*, como registram Houaiss e Villar (2001). Manutenção de forma no latim + extensão semântica.

Variante genérica para *prostituta*.

- **Motivação:** Vagabundo: “quem leva a vida errante, perambulante”, registram Houaiss e Villar (2001).

Ver *mulher da vida*.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo propôs evidenciar a relação existente entre os tabus linguísticos e os processos de formação de palavras, considerando as denominações para *prostituta* no estado do Maranhão. Para tanto, foi necessário discutir os conceitos, as propostas de classificação para os tabus linguísticos, bem como evidenciar, nas denominações para prostituta, a presença desse tabu, que gera, para preenchimento de uma “brecha” aberta pelo próprio tabu, estratégias de substituição, como propõem Guérios (1956) e Ullmann (1987). Assim, considera-se que os processos de formação de palavras também são processos recorrentes e relevantes como meio de substituição.

Dessa forma, no que tange aos processos de formação de palavras, em seus aspectos formais e semânticos, retomando a proposta de Correia e Almeida (2012), é possível encontrar diversos dos processos de formação para as denominações para *prostituta* no Maranhão.

Como já mencionado ao longo deste estudo, os teóricos da área da morfologia defendem que os processos de derivação e composição são os mais produtivos na língua portuguesa. Neste estudo, observou-se que o processo de composição seguiu essa tendência, embora associado ao processo de lexicalização, com um total de 18 ocorrências. Em mesmo número, e formando um contraponto às propostas de que o processo de derivação é o mais frequente, aparece o processo de extensão semântica. A produtividade e recorrência desse processo no que se refere às denominações para *prostituta*, no Maranhão, justifica-se pela necessidade de economia linguística – é mais fácil, para os falantes, criar novos significados para itens já existentes, em vez de criar novos itens. Assim, confirma-se a proposta de Ullmann (1987), que defende que os tabus são muito importantes na função de mudanças semânticas.

Importante, ainda, mencionar que foram encontrados, nesta análise, itens lexicais para prostituta que mantêm a forma latina, como *mundana*, *meretriz*, *puta*, *prostituta*. Essas manutenções de formas no latim atestam a antiguidade, a permanência de uso – e da profissão – e a necessidade sempre constante de nomear as coisas no mundo, inclusive os itens que sofrem tabuização.

Para finalizar, afirma-se que novos itens lexicais para *prostituta* e para diversas e tantas outras necessidades de comunicação são criados, e devem continuar sendo criados por todo o tempo, demonstrando a fluidez e a inovação do léxico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação lexical**. São Paulo: Ática, 1994.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Da microestrutura de vocabulários técnico-científicos bilíngues: para um microsistema terminológico de ecologia e meio ambiente. In: SIMPÓSIO IBERORAMERICANO DE TERMINOLOGIA, IV – RITerm – “Terminologia y desarrollo”, 1994, Buenos Aires Atas..., Buenos Aires: Unionlatina; Secretaria de Ciência e Tecnologia de La Nación , 1994. p. 141-146.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1991.
- BENARROCH, Myriam. A lexicografia em movimento: do Houaiss (H) ao Grande Houaiss (GH) passando pelo Dérom (Dictionnaire Étymologique Roman). Datação e etimologia do léxico hereditário. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Oliveira Mantovani. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.v. 7. p. 189 - 220.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARVALHO, Wallace Bezerra de; GONÇALVES, Carlos Alexandre. "Sobre piris e guetes": análise morfológica das construções cunhadas a partir de splinters de "perigete". **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 12, n. 4, p. 930-944, dez. 2015. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2015v12n4p930>>. Acesso em: 27 fev. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2015v12n4p930>.
- CLEROT, L. F. R. **Vocabulário de Termos Populares e Gíria da Paraíba**. Rio de Janeiro: Editora Rio de Janeiro, 1959.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em Português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- FERNANDES, Sânia Fontoura. Manifestações de tabus linguísticos nas designações de prostituta: um estudo em atlas linguísticos brasileiros. **Anais da 58ª Reunião Anual da SBPC**. Disponível em: www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/JNIC/RESUMOS/resumos_2019.html. Acesso em: 13 dez. 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lexikon digital, 2007.

FAULSTICH, Enilde. _____. Metodologia para projeto terminográfico. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA [RITERM], II., 1990, Brasília. **Atas...** Disponível em: <[http:// www.riterm.netactes2simposiokrieger.htm](http://www.riterm.netactes2simposiokrieger.htm)>. Acesso em: 24 ago. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Theresa de Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977. v. 1.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

GRIMES, Larry M. **El tabu lingüístico en México: El lenguaje erótico de los mexicanos**. Nova Iorque: Bilingual Press, 1978.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. Tabus Linguísticos como motivação na formação de palavras do PB. **WorkingPapers em Linguística**, v.12, número 2, Florianópolis. jul/dez de 2011. pp. 49-68.

GUÉRIOS, R.F. Mansur. **Tabus lingüísticos**. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

HINTZE, Ana Cristina Jaeger. Contribuições das pesquisas diacrônicas para os estudos do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, v. 5, p. 49-59.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LEACH, Edmund. Anthropological aspects of language: animal categories and verbal abuse. In: *New Directions in the Study of Language*, 1964. Boston. **Anais...**Massachusetts Institute of Technology Press. 1964, p. 23-63.

MATTOS E Silva, Rosa Virgínia. Aspectos morfolexicais do português arcaico. In: Castilho, Ataliba Teixeira de; Moraes, Maria Aparecida Torres; LOPES, Ruth Vasconcellos; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. As palavras proibidas. **Revista de Letras**, v.11, n.2, jul/dez 1986, p. 11 – 23.

_____. Linguagem e mal estar. **Revista mal estar e subjetividade**. Fortaleza, v.2, n.1, p. 64-78, mar. 2002. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/271/27120105.pdf>> Acesso em 13 jan. 2013.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do. Processos de lexicalização. In: Raposo et al. **Gramática do Português**, v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

NETO, Manoel Santos. Lição de cidadania na zona de prostituição. Disponível em <<http://www.jornalpequeno.com.br/2004/12/19/pagina9253.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

NOGUEIRA, Sérgio. Palavras que vêm de línguas africanas. Dicas de português. 20 mai. 2014. Disponível em: ><http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/palavras-que-vem-de-linguas-africanas.html>< acesso em 14 de fev, 2017.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da LingoagemPortuguesa**. Lisboa: Projecto Vercial, 2003

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011.

PEREIRA, Edson Lemos. O léxico da prostituição no atlas linguístico do Maranhão: um estudo preliminar. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. (Orgs.). **O português falado no Maranhão: múltiplos olhares**. São Luís: EDUFMA, 2010, p. 183 – 189.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê?** Fortaleza: EdUECE, 2009.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAPOSO, Eduardo Buzaglio Paiva. *et al.* **Gramática do Português**, v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RIBEIRO, Paulo Gabriel Calvet; RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. RAMEIRA, RAPUQUENGA, PLOCK: um estudo da variação lexical para o conceito Profissionais do Sexo, na Atenas Brasileira. In: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (2. : 2012 : Belém, PA). **Anais**. São Luís : EDUFMA, 2012.

RIBEIRO, Paulo Gabriel Calvet. **A tabuização da lexia prostituta no português falado no Maranhão**. 2013. 73f. Monografia (Graduação em Letras) Curso de Letras, Universidade Federal do Maranhão.

RIOS, Milene. Termo piriguete ganha espaço em dicionário Aurélio. **Bocão News**, Salvador. 04 set.2011 Disponível em: <http://www.bocaonews.com.br/noticias/principal/educacao/19356,termo-piriguete-ganha-espaco-em-dicionario-aurelio.html>> Acesso em: 16 jan,2017.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.

ROCHA, Luís Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANDMANN, Antônio. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário do palavrão e termos afins**. Recife: Record, 1988.

TEIXEIRA, Ubiratan. Meretrício como instituição. In: REIS, José Ribamar Sousa dos. **ZBM: O reino encantado da boemia**. São Luís: Lithograf, 2002.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VALENTE, André. Léxico e discurso: Neologia midiática. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2010. v. 5, p. 63 – 77.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2014.

VILELA, Mário Alberto. A formação de palavras, componente independente ou apenas subcomponente?» In: **Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas**, II Série, Vol. III, Porto, 1986, pp. 31-52.

_____. **O léxico do português: Perspectivização geral**. Filologia e Linguística Portuguesa, São Paulo, n.1, p. 31-50, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1: Itens lexicais para prostituta apresentados em Ribeiro (2012)

▪ 1ª Faixa etária

Informante	Faixa Etária	Lexias
1	I	<ul style="list-style-type: none"> • Rameira • Quenga • Puta • Piranha • Mulher do Mundo • Mulher da Zona • Mulher que vende carinho
2	I	<ul style="list-style-type: none"> • Puta • Mensalina • Mulher da Vida • Rapariga • "Prost" • "Bitch"
3	I	<ul style="list-style-type: none"> • Quenga • Mulher de Soldado • Garota de Programa • Meretriz
4	I	<ul style="list-style-type: none"> • Rapuquenga • Quenga • Puta • Plock
5	I	<ul style="list-style-type: none"> • Quenga • Puta • Piranha

▪ 2ª Faixa etária

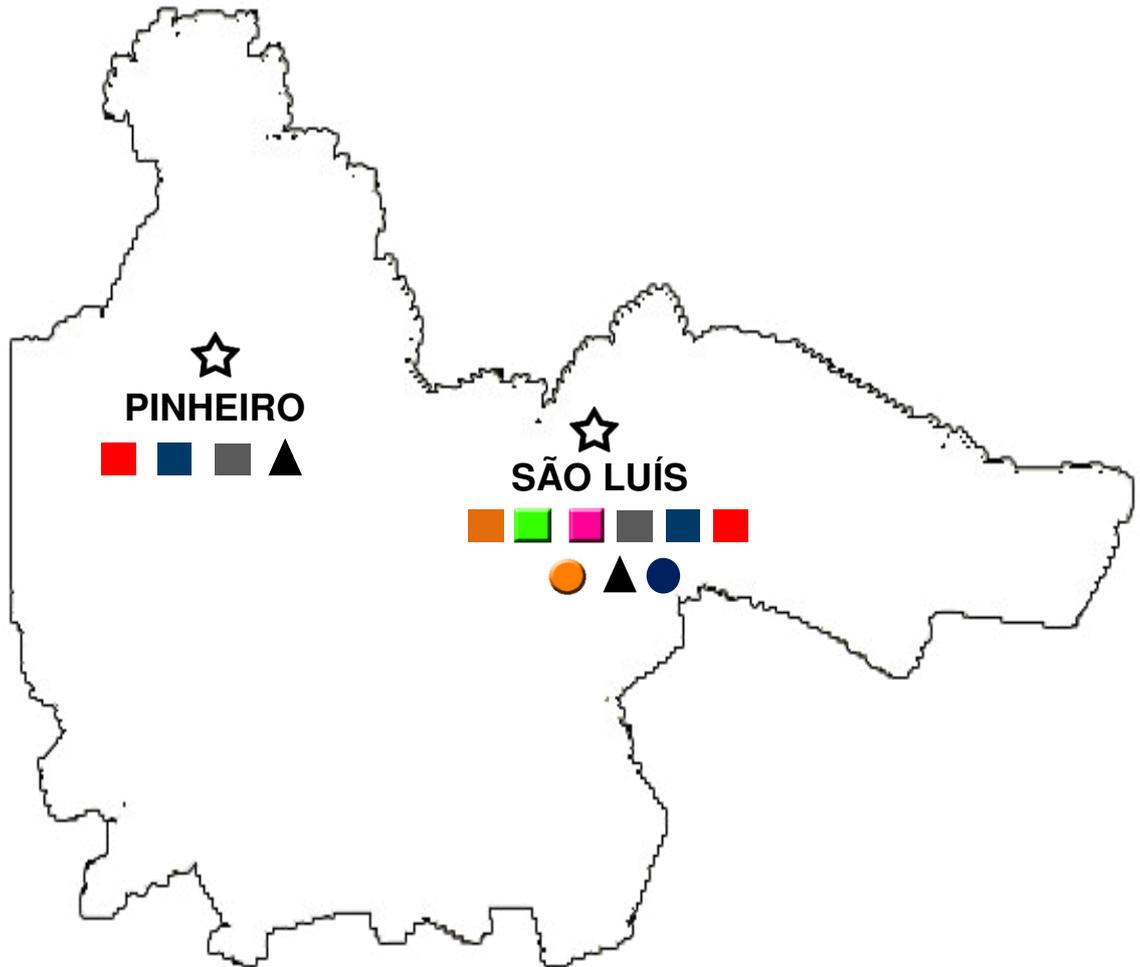
Informante	Faixa Etária	Lexias
6	II	<ul style="list-style-type: none"> • Garota de Programa • Mulher de vida fácil • Piriguete • Maria vai-com-todos • "Filha"
7	II	<ul style="list-style-type: none"> • Profissional do Sexo • "Côrinho"
8	II	<ul style="list-style-type: none"> • Puta • Piranha
9	II	<ul style="list-style-type: none"> • Pirambeba • Rameira • Motossera • Machado • Fuleira • Mulher ocupada até às 06:00h da manhã • "A Fiel" • Maria vai-com-todos
10	II	<ul style="list-style-type: none"> • Camélia • Mulher de vida fácil • Maria vai-com-todos

[

ANEXO 2: Cartas linguísticas apresentadas por Ribeiro (2013)

CARTA NÚMERO 1

Mesorregião Norte



● “Faz ponto”

■ Mulher da vida

■ Mulher de vida fácil

■ Mulher fácil

▲ Puta

■ Prostituta

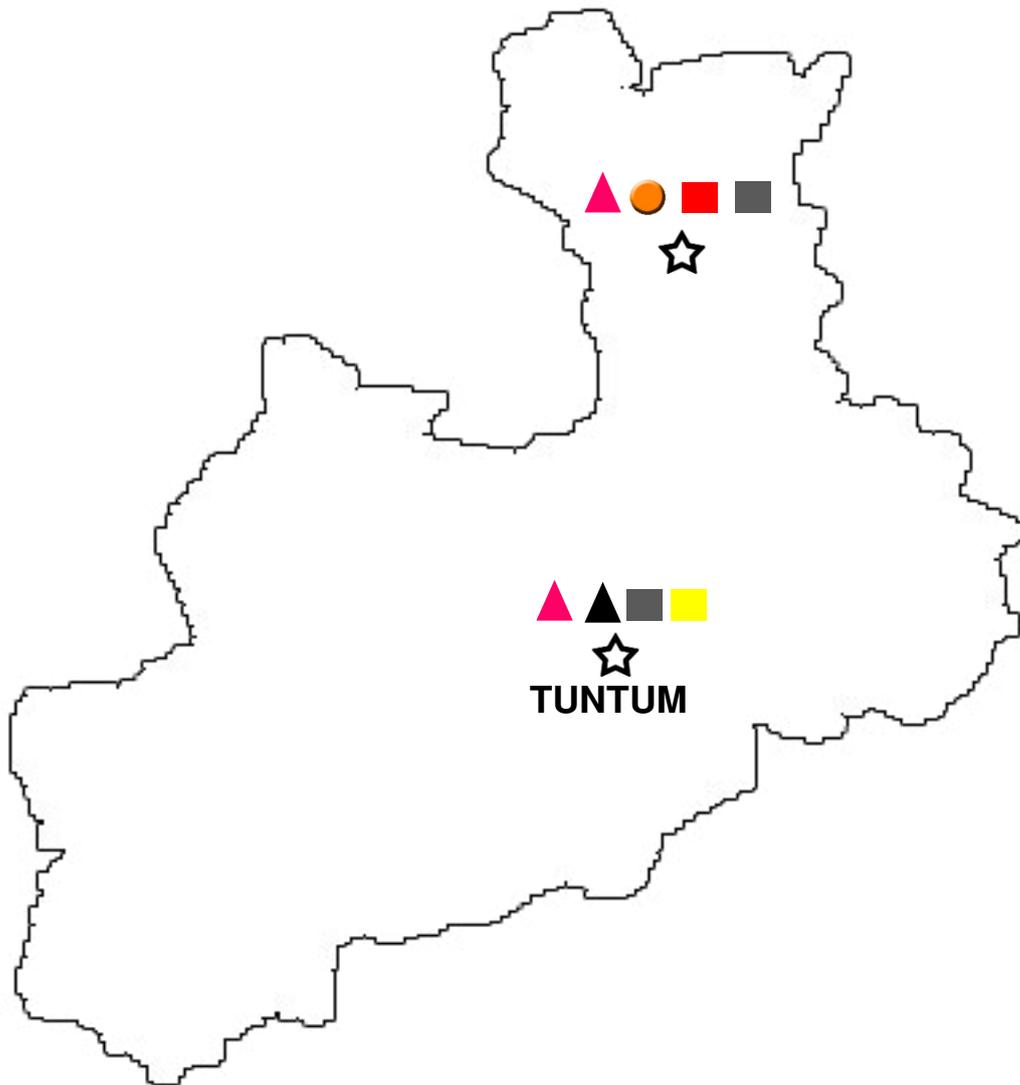
● Meretriz

■ Piranha

■ Mulher de Programa

CARTA NÚMERO 2

Mesorregião Centro



● Meretriz

■ Mulher de Programa

■ Prostituta

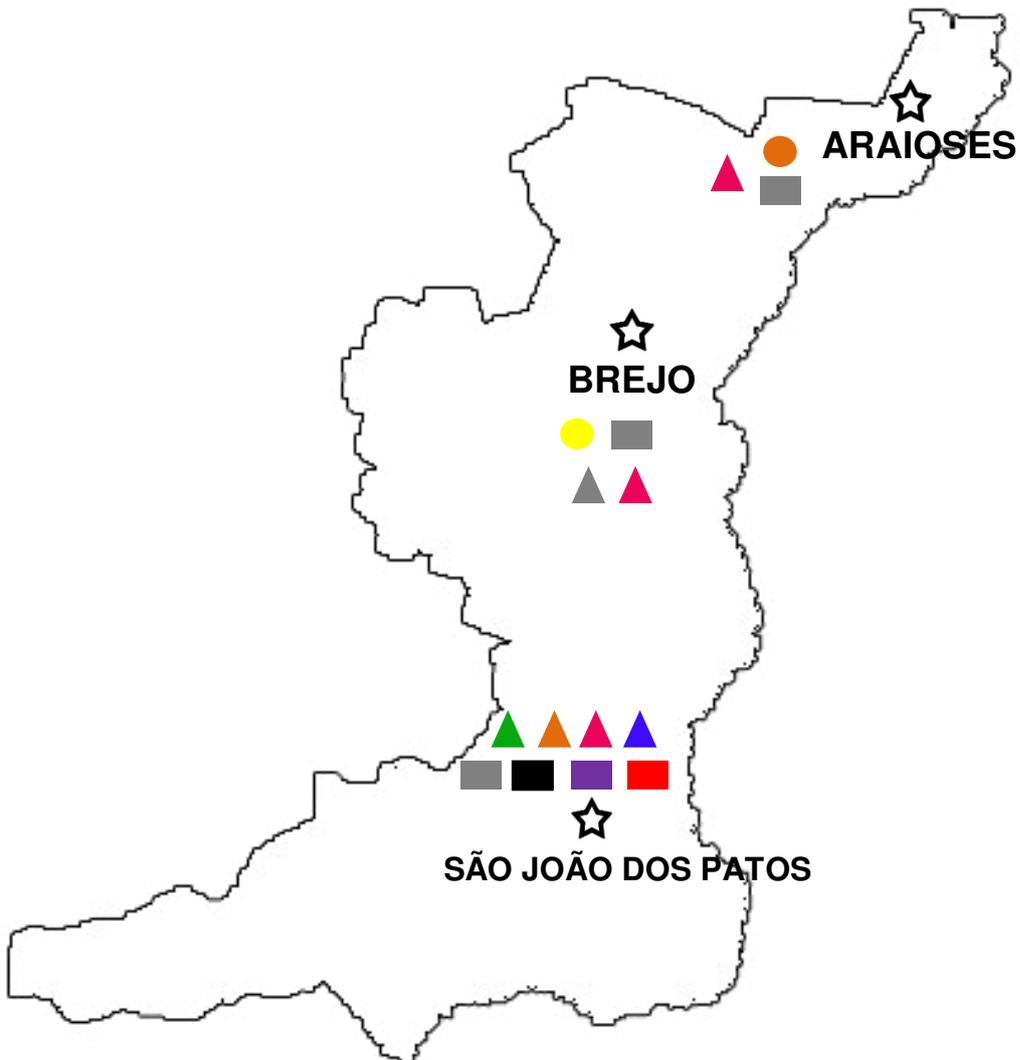
▲ Rapariga

■ Mundana

▲ Puta

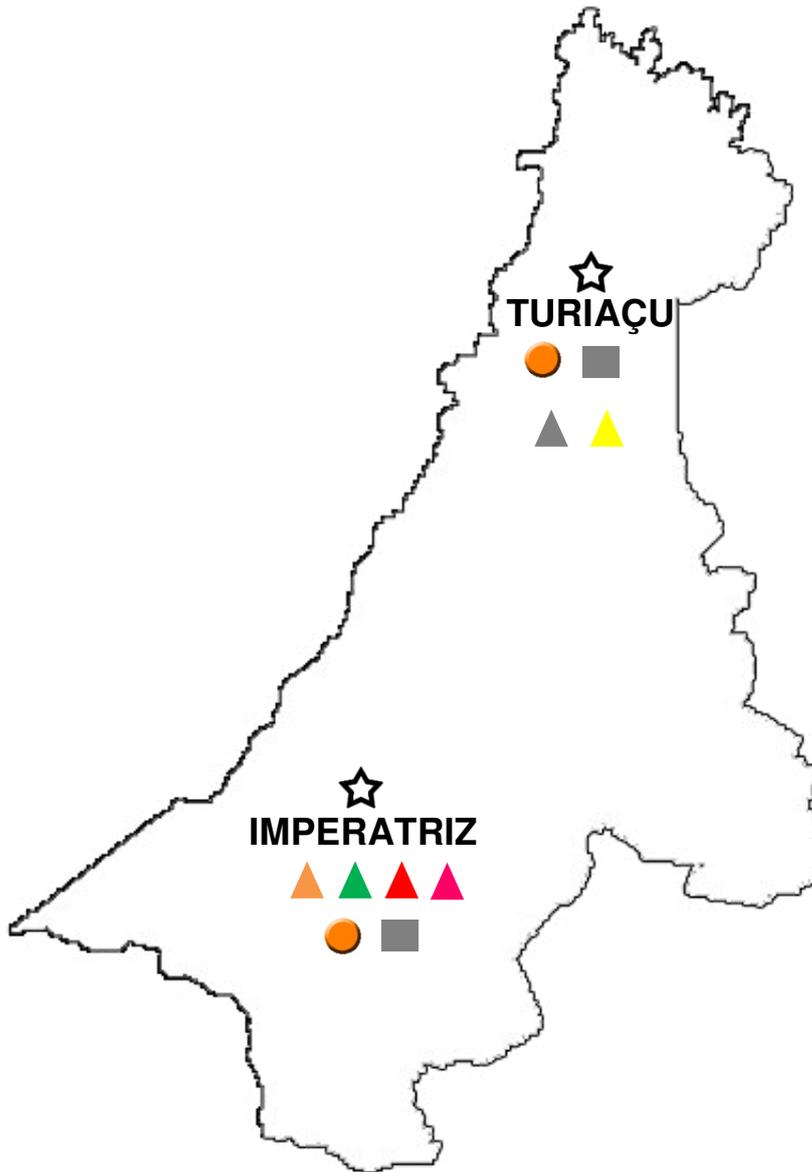
CARTA NÚMERO 3

Mesorregião Leste



- | | | | |
|---|---------------------------|--|---------------------|
|  | Mulher Baixa |  | Safada |
|  | Mulher Barata |  | Sem vergonha |
|  | Garota de Programa |  | Vadia |
|  | Mulher da Vida |  | Vagabunda |
|  | Prostituta |  | Meretriz |
|  | Rapariga | | |

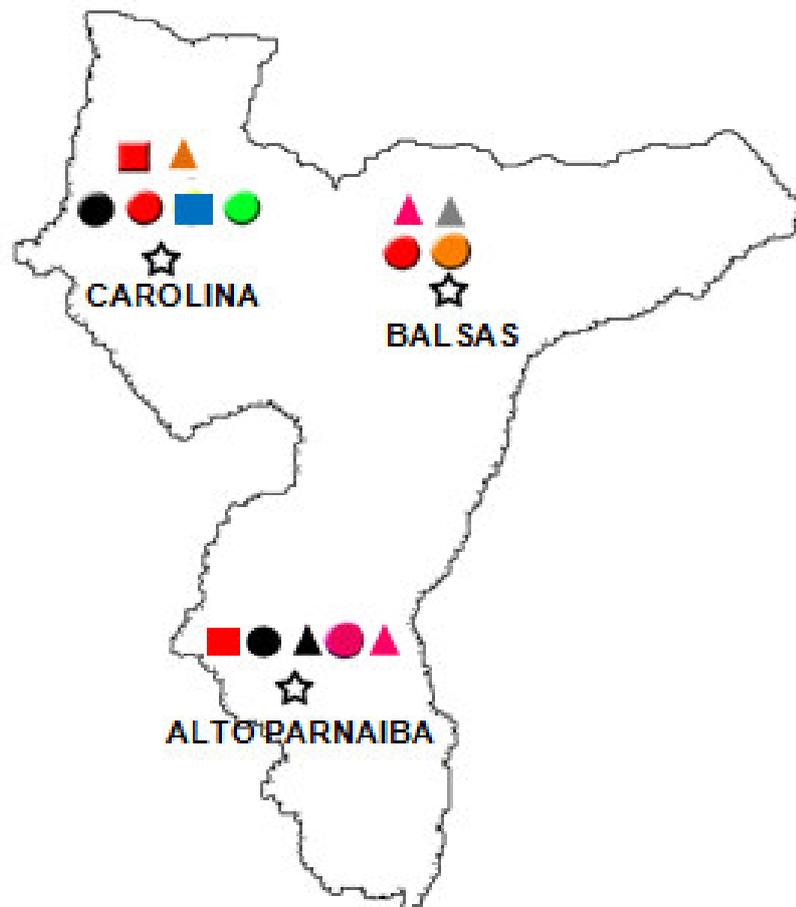
CARTA NÚMERO 4
Mesorregião Oeste



- | | |
|---|---|
|  Meretriz |  Sem vergonha |
|  Prostituta |  Rapariga |
|  Vagabunda |  Vadia |
|  Solteira |  Quenga |

CARTA NÚMERO 5

Mesorregião Sul



- | | |
|--|--|
| ● Galinha | ● Meretriz |
| ■ Mulher de programa | ▲ Vagabunda |
| ● Mulher da vida | ● Bandida |
| ■ Prostituta | ● Falsa |
| ▲ Rapariga | ▲ Puta |
| ▲ Vadia | |

APÊNDICES

APÊNDICE 1– Modelo de ficha lexicográfica preenchida

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PGLetras
 LINHA DE PESQUISA: Descrição e Análise do Português Brasileiro
 PESQUISADOR: Paulo Gabriel Calvet Ribeiro
 ORIENTADORA: Maria de Fátima Sopas Rocha

Ficha Lexicográfica	Nº 039	Data da última atualização: 28/07/2016
<p>1. ENTRADA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lexia: Rameira - Definição específica? () sim(x) não - Referência gramatical: <i>s.f.</i> 		
<p>2. DICIONARIZAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Forma dicionarizada? (x) Sim() Não - Definição apresentada 1: 1. “Mulher que exerce a prostituição; meretriz, prostituta”. - Definição apresentada 2: Meretriz. - Referências: <ol style="list-style-type: none"> 1. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2383). 2. (CUNHA, 2007, p. 662). 		
<p>3. ETIMOLOGIA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Etmos: <i>Ramo + eira</i>. Nome dado no sXV, em Portugal. (HOUAISS, 2001, p. 2383). Para Cunha (2007), aparece no século XVI. <p>Referências: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexicon Editora digital, 2007. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.</p>		
<p>4. PROCESSO DE FORMAÇÃO: Derivação sufixal - Ramo + eira.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Referencial teórico: Correia & Almeida (2012) Sandmann (1999) 		
<p>5.MOTIVAÇÃO</p> <p>“nome dado em sXV em Portugal, às frequentadoras de tabernas que, para assinalarem sua presença, ostentavam na porta ramos de árvores” (HOUAISS,2001, p. 2383). “freqüentadora de tabernas que se assinalavam ao público pela existência de ramos em suas portas. Meretriz. XVI. (CUNHA, 1982, p. 662).</p>		
<p>6.Remissivas () sim (x) não</p>		

